



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação - FCI
Curso de Biblioteconomia

Vanêssa de Sousa Silva

A formação do hábito de leitura entre alunos da 3ª série do Ensino
Fundamental: o exemplo de cinco escolas públicas do Gama

Brasília
2010



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação - FCI
Curso de Biblioteconomia

Vanêssa de Sousa Silva

A formação do hábito de leitura entre alunos da 3ª série do Ensino Fundamental: o exemplo de cinco escolas públicas do Gama

Monografia apresentada Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial à conclusão do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dra. Dulce Maria Batista

Vanêssa de Sousa Silva

A formação do hábito de leitura entre alunos da 3ª série do Ensino Fundamental: o exemplo de cinco escolas públicas do Gama

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel no curso de graduação em Biblioteconomia na Universidade de Brasília pela seguinte banca examinadora,
Brasília, 2010.

Dulce Maria Baptista – Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação
Doutora em Ciência da Informação (UnB)

Maria Alice Guimarães – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação
Doutora em Ciência da Informação (UnB)

Isadora Freire – Membro
Bibliotecária da Escola Salesiana São Domingos Sávio

A todos aqueles que amam a biblioteca e a educação, e não medem esforços para fazer do nosso Brasil um país melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao meu amado Deus, por ter me dado forças pra chegar até aqui, pelo cuidado, companhia, fidelidade, compreensão e pelo amor demonstrado a mim durante todas as fases da minha vida. Obrigada meu Deus.

Agradeço à Prof^a. Dulce pela paciência, orientação, e pela literatura emprestada. Muito obrigada!

Agradeço infinitamente aos meus pais, por tudo o que fizeram por mim. Essa vitória também é de vocês. Agradeço ao meu pai por todas as idas e vindas das escolas classe. Pai você é demais! Mãe você é a mãe perfeita pra mim. Eu amo vocês!

Agradeço às minhas lindas irmãs por me incentivarem sempre em tudo aquilo em que eu me dispus a fazer. Eu amo vocês!

Quero agradecer em especial, ao meu amigo Vandilson que me ajudou e me incentivou sempre durante a realização dessa monografia. Amigo você é um exemplo pra mim. Que Deus te abençoe em todos os seus caminhos. Agradeço também a minha prima Naira, que me ajudou a aplicar os questionários na escola.

Agradeço aos meus queridos amigos Kelson, Stephany, Ângela, Alan, Karol e Diego que fizeram da minha estadia na UnB mais feliz. Eu não poderia ter estudado na Unb em outra época da vida, tinha que ser com vocês. Já sinto falta dos nossos devocionais. Eu amo cada um de vocês em especial! Quero deixar registrado aqui também, o meu carinho e amor pelos meus amigos e colegas do 2º semestre de 2007. Vocês também são especiais pra mim. Eu amo cada um de vocês.

Agradeço a todos os diretores, professores, regentes das salas de leitura, e aos alunos das escolas classes que abriram as portas das escolas e das salas de aula e me permitiram fazer esta pesquisa.

“Era uma vez uma semente que, como todas as sementes, foi lançada ao solo e começou a germinar. Como todas as sementes é um modo de dizer. A terra tem que ser boa e os cuidados permanentes. A semente foi lançada ao solo para dar uma árvore tão alta, tão alta que chegou ao céu, e tão frondosa que à sua sombra descansem todas as crianças do Brasil. Que seus frutos sejam tão saborosos que mantenham a fome do saber, de beleza e de fantasia das crianças e jovens da terra”

Edmir Perrotti

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo estudar a formação do hábito de leitura entre alunos da 3ª série do ensino fundamental de cinco escolas classes da região administrativa do Gama - DF, analisando a contribuição de cada uma das instituições formadoras do hábito de leitura: a família, a escola, e a biblioteca escolar. Na revisão de literatura estuda-se a história do livro; a história do livro no Brasil; hábito de leitura; leitura em casa, na escola e na biblioteca; políticas públicas para o livro, leitura e bibliotecas e leitura e educação no Brasil: algumas considerações. Para a elaboração da revisão de literatura foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o tema em livros, seminários, artigos de periódicos, bases de dados, trabalhos apresentados em eventos, portais governamentais, legislação brasileira, entre outros. A coleta de dados foi feita por meio da aplicação de questionários junto aos alunos, professores e responsáveis pelas bibliotecas, presentes nos anexos desta monografia. Foi realizada observação *in loco* também. A coleta de dados foi também realizada pessoalmente por meio de visitas agendadas previamente. A pesquisa alcançou duas turmas de 3ª séries de cada escola selecionada, juntamente com seus respectivos professores e o responsável pela biblioteca (sala de leitura). Responderam os questionários: 229 alunos; 10 professores e 5 responsáveis pelas bibliotecas das escolas. Na descrição e análise de dados, é demonstrado o nível de interesse dos alunos pela leitura; a contribuição dos formadores do hábito de leitura - família, escola e biblioteca - na formação do hábito de leitura nos alunos; situação das bibliotecas (salas de leitura), entre outros aspectos. Para que a nação brasileira, como um todo, e as escolas, particularmente, melhorem os seus padrões de leitura, o estudo conclui que é necessário que haja uma maior conscientização e mobilização mais eficiente por parte do governo, diretores de escolas, professores, bibliotecários, o que só será alcançado quando as bibliotecas escolares funcionarem de forma plena.

Palavras-chave: Hábito de leitura. Leitura - Brasil. Educação - Brasil. Biblioteca escolar. História do livro. História do livro – Brasil. Leitura. Políticas públicas para o livro, leitura e bibliotecas.

ABSTRACT

This work aimed to study the formation of the reading habit among students in the 3rd grade of elementary education at five schools classes administrative region of Gama - DF, analyzing the contribution of each of the institutions that form the habit of reading: the family, the school, and the school library. In the literature review is studied the history of the book, the history of the book in Brazil, reading habits, reading at home, school and library, public policies for the book, reading and libraries and reading and education in Brazil: some considerations. In developing the literature review were conducted library research on the topic in books, seminars, journal articles, databases, papers presented at events, government portals, Brazilian law, among others. Data collection was done through questionnaires in the students, teachers and those responsible for libraries, present in the annexes of this monograph. It was also held on-site observation. Data collection was carried out personally through visits scheduled in advance. The research has achieved two classes of 3rd series classes from each school selected, along with their teachers and responsible for the library (reading room). Answered the questionnaires: 229 students, 10 teachers and 5 responsible for school libraries. In the description and analysis of data, is shown the level of student interest in reading, the contribution of teachers in reading - family, school and library - in shaping the reading habit in students; situation of libraries (reading rooms) among other things. For the Brazilian nation as a whole, and schools, particularly to improve their standards of reading, the study concluded that there must be greater awareness and more effective mobilization by the government, school principals, teachers, librarians , which can only be achieved when the school libraries operate fully.

Keywords: Habit of reading. Reading - Brazil. Education - Brazil. School library. History of the book. History Book - Brazil. Reading. Public policies for the book, reading and libraries.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade.....	55
Gráfico 2: Gênero.....	55
Gráfico 3: Gosto pela leitura.....	56
Gráfico 4: Hábito de leitura em casa.....	56
Gráfico 5: Tipo de leitura lida em casa.....	57
Gráfico 6: Hábito de leitura na escola.....	57
Gráfico 7: Tipo de leitura lida na escola.....	58
Gráfico 8: Atividades realizadas nas horas vagas.....	58
Gráfico 9: Preferência de leitura.....	59
Gráfico 10: Hábito de leitura dos pais.....	59
Gráfico 11: Trabalho dos pais.....	60
Gráfico 12: Leitura de histórias – Pais.....	60
Gráfico 13: Compra de livros ou revistas – Pais.....	61
Gráfico 14: Visita a alguma biblioteca.....	61
Gráfico 15: Significado da biblioteca.....	62
Gráfico 16: Gosto por bibliotecas.....	62
Gráfico 17: Sugestão de leitura pela professora.....	63
Gráfico 18: Realização de atividades na biblioteca.....	63
Gráfico 19: Gosto pela biblioteca da escola.....	64
Gráfico 20: Presença dos livros que os alunos gostam na biblioteca.....	64
Gráfico 21: Visitas a biblioteca da escola durante o ano.....	65
Gráfico 22: Hábito de empréstimo do alunos na biblioteca.....	65
Gráfico 23: Tipo de livros que os alunos pegam emprestados.....	66
Gráfico 24: O que os alunos acham do responsável pela biblioteca.....	66
Gráfico 25: O que os alunos gostariam de mudar na biblioteca.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características do leitor.....	34
Quadro 2: Conselhos aos pais.....	37
Quadro 3: Atuação dos professores e bibliotecários.....	38
Quadro 4: Fundações, Instituições, Associações, Congressos e Proclamações.....	42
Quadro 5: Leis, decretos e planos relacionados ao livro, leitura e biblioteca.....	44
Quadro 6: Programas de incentivo à leitura no Brasil.....	44

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Benefícios da leitura.....	33
Figura 2 - Ciclo da Sociedade da Informação.....	49
Figura 3 - Contextualização Sistêmica.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Professores Ecs (idade, gênero, formação, gosto pela leitura, hábito de leitura, tipo de leitura habitualmente realizada).....	68
Tabela 2: Professores (planejamento de atividades, estrutura da biblioteca).....	69
Tabela 3: Professores (atuação dos formadores do hábito de leitura, contribuição do professor, presença do bibliotecário).....	70
Tabela 4: Responsáveis pelas bibliotecas (idade, gênero, função, formação).....	72
Tabela 5: Responsáveis pelas bibliotecas (gosto pela leitura, motivo pelo qual trabalha na biblioteca, hábito de leitura, tipo de leitura habitualmente realizada, gosto pela biblioteca).....	72
Tabela 6: Responsáveis pelas bibliotecas (auxílio no trabalho, planejamento, freqüência dos alunos, componentes do acervo, incentivo a leitura).....	73
Tabela 7: Responsáveis pelas bibliotecas (cooperação, atividades da biblioteca, realização da função da biblioteca, interesse dos alunos pelo livro e leitura, presença do bibliotecário).....	75

LISTA DE ABREVIATURAS

BE - Biblioteca Escolar
DF - Distrito Federal
EF – Ensino Fundamental
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
ONGs – Organizações não governamentais
RA II – Região administrativa II

LISTA DE SIGLAS

ABDL - Associação Brasileira de Difusão do Livro
ABRELIVROS - Associação Brasileira de Editores e Livreiros
ALB - Associação de Leitura no Brasil
ANL - Associação Nacional de Livrarias
CBL - Câmara Brasileira do Livro
CJ - Conselho de Justiça
CNLD - Comissão Nacional do Livro Didático
CSL - Câmara Setorial do livro
FBN - Fundação Biblioteca Nacional
FNLIJ - Fundação Nacional do livro Infantil e Juvenil
IBBY - Organização Internacional para o Livro Juvenil
IEL / UNICAMP - Instituto de Estudos da Linguagem
IFLA - Federação Internacional das Associações de Bibliotecários
INAF - Índice de Analfabetismo Funcional
INL - Instituto Nacional do Livro
IRA; CBS - Associação Internacional de Leitura
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC - Ministério da Educação
MINC - Ministério da Cultura
PNBE - Plano Nacional de Biblioteca Escolar
PNE - Plano Nacional da Educação
PNL - Plano Nacional do Livro
PNLD - Plano Nacional do Livro Didático
PNLEM - Plano Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio
PNLL - Plano Nacional do Livro e da Leitura
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura
PRONAC - Programa de apoio à cultura
SNEL - Sindicato Nacional de Editores de Livros
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
LISTA DE GRÁFICOS	VIII
LISTA DE QUADROS	IX
LISTA DE FIGURAS	X
LISTA DE TABELAS	XI
LISTA DE ABREVIATURAS	XII
LISTA DE SIGLAS	XIII
1 INTRODUÇÃO	15
2 JUSTIFICATIVA	17
3 OBJETIVOS	18
3.1 Objetivo geral.....	18
3.2 Objetivo específico.....	18
4 METODOLOGIA	19
5 REVISÃO DE LITERATURA	20
5.1 Panorama da história do livro.....	20
5.2 Panorama da história do livro e da educação no Brasil.....	23
5.3 Hábito de leitura.....	35
5.4 Leitura em casa, na escola e na biblioteca.....	38
5.5 Políticas Públicas para o livro, leitura e bibliotecas.....	43
5.6 Leitura e educação no Brasil: algumas considerações.....	50
6 ESTUDO DE CASO	56
7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	58
8 CONCLUSÃO	81
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
10 APÊNDICES	92
APÊNDICE A: Questionário aplicado aos alunos.....	93
APÊNDICE B: Questionário aplicado aos professores.....	94
APÊNDICE C: Questionário aplicado ao responsável pela sala de leitura.....	95
11 ANEXOS	96
ANEXO A Declaração de realização de pesquisa EC – 28.....	97
ANEXO B Declaração de realização de pesquisa EC – 12.....	98
ANEXO C Declaração de realização de pesquisa EC – 06.....	99
ANEXO D Declaração de realização de pesquisa EC – 01.....	100
ANEXO E Declaração de realização de pesquisa EC – 07.....	101

1 INTRODUÇÃO

Tendo como cenário um país com baixos índices de leitura, faz-se necessário tentar compreender a razão de tal fracasso.

Segundo pesquisas realizadas em diferentes países acerca do hábito de leitura, citadas por Bamberguer (1987), observou-se diferenças gritantes quanto ao interesse pela leitura. As pesquisas atribuíram tamanhas diferenças a quatro fatores determinantes: a posição dos livros na escala de valores no país; a tradição cultural; as oportunidades de leitura (neste particular as escolas e as bibliotecas escolares desempenham papéis decisivos); e o papel que os livros desempenham na escola e no sistema educacional.

O nível de desigualdade social no Brasil é enorme, de acordo com o Relatório Regional sobre Desenvolvimento Humano para a América Latina e o Caribe 2010, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) – rede global de desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU) – os aspectos considerados nessa pesquisa foram os mesmos do IDH tradicional: renda, educação e saúde. De acordo com um artigo publicado no site do PNUD, no Brasil, de acordo com cálculos baseados em números de 2008, o IDH "tradicional" é de 0,777, e o IDH-D, 0,629. No ranking dos dois índices o Brasil fica em oitavo na América Latina. A notícia salienta ainda que a desigualdade de renda é a que mais pesa sobre o IDH brasileiro (queda de 22,3%), seguido de educação (-19,8%) e saúde (-12,5%). Esses dados demonstram que as disparidades, além de serem um problema por si mesmas, têm graves efeitos no padrão de vida das pessoas.

Em relação a educação, as crianças não são ensinadas a valorizá-la, não são ensinadas a ter o hábito de estudo diário. Na realidade elas não tem um referencial para se orientar, já que os pais trabalham o dia inteiro – quando trabalham – para obter uma renda no final do mês. As crianças são atraídas na maioria das vezes por quem lhes faz mais companhia, ou seja, a televisão. Parece que a televisão se tornou a verdadeira educadora do lar. Já que a maioria das pessoas gasta preciosas horas de suas vidas na frente do aparelho.

Segundo a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, realizada em 2008, 77% da população pesquisada prefere assistir televisão em seu tempo livre, seguidos de

ouvir música com 53%; descansar com 50%; ouvir rádio com 39% e ler com apenas 30%. De fato isso é preocupante.

A leitura é essencial para a aprendizagem do ser humano, pois é por meio dela que se adquire conhecimento. Por meio dela é também possível formar uma sociedade consciente de seus direitos e deveres, possibilitando ao indivíduo uma nova visão de mundo e de si mesmo. Desta forma, faz-se necessário formar uma sociedade de leitores.

2 JUSTIFICATIVA

A leitura traz diversos benefícios a quem a pratica, e é por meio dela que se adquire conhecimento. O hábito de leitura é formado ainda na infância e se fortalece durante a adolescência, sendo por isso necessário que se dê a criança, desde cedo, o objeto a ser lido, o livro.

As três instituições responsáveis pela formação do hábito de leitura são, a família em primeira instância, que é onde a criança tem o primeiro contato com o mundo; em segunda instância, a escola, representada por assim dizer no papel do professor, que é quem ensina o aluno a ler; e em terceira instância, a biblioteca, que é o local por excelência onde o aluno descobre o prazer da leitura.

O *Manifesto para Biblioteca Escolar* (2000), elaborado pela Federação Internacional das Associações de Bibliotecários – IFLA, e aprovado pela UNESCO, afirma que a biblioteca escolar proporciona informação e idéias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade atual, baseada na informação e no conhecimento. A BE desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis, pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.

Nesse sentido, é imprescindível que os pais, a escola e o responsável pela biblioteca estejam conscientes de tamanha importância. Desta maneira, faz-se necessário que a BE das escolas de todo o país funcionem satisfatoriamente, pois será por meio dela que os alunos irão aprender a valorizar o livro e a leitura.

Justifica-se assim o tema abordado por essa monografia, tendo em vista a importância da existência de uma boa biblioteca escolar nas escolas da rede pública de ensino da região administrativa do Gama.

Este trabalho propõe trazer uma contribuição para o tema, e despertar em todos que tiverem acesso a esse, o interesse pela biblioteca escolar.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Estudar a formação do hábito de leitura entre alunos em processo inicial de escolaridade;

3.2 Objetivo específico

Estudar a formação do hábito de leitura entre alunos em processo inicial de escolaridade no âmbito de cinco Escolas Classe da rede pública do Gama.

4 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva que lança mão de aspectos quantitativos e qualitativos, realizada em três momentos: revisão de literatura, estudo de caso, e conclusão.

Para a elaboração da revisão de literatura foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o tema em livros, seminários, artigos de periódicos, trabalhos apresentados em eventos, portais governamentais, legislação brasileira, entre outros.

O universo da pesquisa compreende os alunos da 3ª série do Ensino Fundamental (4º ano) das escolas classe do Gama.

A amostra da pesquisa compõe-se de 229 alunos, 10 professores e 5 responsáveis pelas bibliotecas.

A coleta de dados foi obtida por meio da aplicação de questionários nos alunos, professores e responsáveis pelas bibliotecas, presentes nos anexos a, b e c desta monografia. Foi realizada observação *in loco* também. A coleta de dados foi realizada pessoalmente por meio de visitas agendadas previamente.

5 REVISÃO DE LITERATURA

A fundamentação do estudo baseou-se em revisão de literatura sobre o tema em livros, seminários, artigos de periódicos, trabalhos apresentados em eventos, portais governamentais, legislação brasileira, entre outros. A qual contempla os seguintes tópicos: Panorama da história do livro; Panorama da história do livro e da educação no Brasil; Hábito de leitura; Leitura em casa, na escola, e na biblioteca; Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca e Leitura e educação no Brasil: algumas considerações, apresentados a seguir.

5.1. Panorama da história do livro

É impossível se falar da história da leitura sem falar da história dos livros e das Bibliotecas, pois a história das bibliotecas é a história do registro da informação, e que por sua vez é a história do próprio homem, como bem observou Milanesi (1994).

Desde o princípio, o homem sempre buscou formas de criar instrumentos que lhes permitissem ampliar suas aptidões naturais. Sobrino (1972), considera, como a primeira forma de livros, os primeiros conjuntos de pensamentos ordenados pelo homem. Estes livros pré-históricos, já existiam antes mesmo da escrita, e tomaram a forma de poemas, frases e rimas.

Os registros mais antigos do pensamento do homem utilizando a escrita, datam de uns cinco mil anos. Eles foram escritos em tabuinhas de argila na Mesopotâmia, em rolos de papiro no Egito, e em pedaços de madeira e de seda na China.

Ainda de acordo com o mesmo autor, (1972, p. 4), “durante muitos séculos, a escrita e a interpretação dos textos sempre estiveram confiadas à uma casta seleta sacerdotal, em sua maioria à dos monarcas”. O motivo principal dessa restrição ao acesso ao livro era, a suma importância dada à conservação de legado cultural dos antepassados.

Na antiguidade clássica o rolo de papiro chamado volumen, que consistia numa longa tira enrolável, formada por delgadas lâminas de papiro, presas pelos lados, foi a forma de livro mais utilizada por diversos povos, incluindo gregos e romanos. E por mais de dois mil anos, o rolo de papiro e as tabuinhas de argila conviveram em civilizações próximas.

A escrita alfabética foi outro grande avanço para a história do livro e da humanidade. Ela foi desenvolvida na Grécia, e permitiu a secularização da leitura, a produção e difusão do livro fora dos templos e das residências palatinas. Mas foi a partir do século V a.C que se iniciou a transcrição generalizada das obras literárias.

No século III a.C na cidade de Pérgamo - côrte de um dos estados helenísticos criados do desmembramento do imenso império de Alexandre Magno - o couro começou a ser utilizado como material para a escrita, que ficou conhecido mais tarde como pergaminho. O surgimento do pergaminho no lugar do papiro para a elaboração de livros e registro do conhecimento, permitiu a transformação do antigo rolo, chamado volumen, em códice (conjunto de folhas sobrepostas e costuradas, ou presas de um lado, como a atual forma do livro que conhecemos). Quando se iniciou a Idade Média, o pergaminho como material, e o códice como formato já haviam sido totalmente difundidos na sociedade. Essa total aceitação deve-se ao fato de haver sido preferida pela cultura cristã. Por sua capacidade de conteúdo e maior resistência o pergaminho se tornou o tipo ideal de livro para determinadas sociedades: Alta Idade Média Europeia. Na Europa Cristã e no Império Bizantino, o pergaminho foi a única forma de livro utilizada por monges nos mosteiros. Nos últimos anos da Idade Média, o livro alcançou a categoria de objeto de arte entre as côrtes reais e principescas.

Descoberto na China pelos primeiros conquistadores árabes, o papel inicialmente foi introduzido no mundo islâmico, e só chegou a Europa Cristã no final da Idade Média, e isso graças à Espanha, que participava ativamente das grandes culturas que caracterizavam a época.

Por muito tempo o papel ficou desprezado pelo ocidente cristão, devido à sua fragilidade, e também porque ainda não se havia sentido a sua necessidade. Todavia, o material frágil permitiu um verdadeiro milagre no desenvolvimento cultural. Sobrino (1972, p. 20), observa, que sem ele não teria sido possível a grande produção dos povos islâmicos, entre os séculos VII e XII, durante os quais a “tocha intelectual” se concentrou em dois pontos: Oriente Próximo e Península Ibérica.

Dentre os diversos avanços possibilitados pelo papel através da proliferação dos textos, ensino, investigação, e também por meio da escrita cursiva árabe, podemos destacar avanços consideráveis na medicina, matemática, astronomia, ciências naturais, filosofia, teologia, história, geografia, e o florescimento de certos gêneros

literários (narração e a poesia). Outras grandes mudanças desencadeadas por meio das mudanças sociológicas foram: a secularização da cultura e o desenvolvimento das universidades na Europa Cristã. Sobrino (1972, p. 20), observa ainda que as grandes transformações sociais conduziram a uma maior riqueza e aumento da população; importância das cidades frente à vida rural anterior; emprego das línguas vernáculas nas criações literárias e nos documentos administrativos e das chancelarias, e surgimento das universidades, que contribuíram consideravelmente com as ordens mendicantes dos dominicanos e franciscanos.

O espírito de renovação e inquietude intelectual, que apareceram anteriormente na Baixa Idade Média, e que por sua vez deram lugar ao Renascimento, acabaram por modificar substancialmente o sentido que se dava ao livro e ao seu valor social. Nasce então, o amor ao livro, não só em termos de conteúdo, como também em relação a suas qualidades físicas e estéticas, mais especialmente por sua antiguidade e importância do autor. E isso, convém mencionar, não apenas entre pessoas do clero ou bibliófilos, mas também entre pessoas cultas da época. Começa a surgir também entre diversos setores da sociedade, uma forte necessidade de se ler cada dia mais livros, em busca de recriação espiritual e satisfação da ânsia de saber mais a respeito dos homens e do mundo ao mesmo tempo.

Milanesi (2002), observa que o papel permitiu a ampliação do uso da escrita, pois era mais barato que o pergaminho: deixando de ser exclusividade monástica, passou a ser usado por outras categorias sociais, que produziam sua própria cópia de textos. O livro, com as transformações europeias da pré-Renascença, projetou-se como instrumento fundamental para a circulação de idéias.

Em meados do século XV, na cidade de Mongúcia, surgiu a imprensa de Gutemberg, que acabou por facilitar o barateamento dos livros e a disseminação do conhecimento. O raro e caro tornou-se acessível. O que era particular ao clero e nobreza passou a ser utilizado por segmentos mais amplos da população.

Foram necessárias três idades históricas para a criação da forma atual do livro que conhecemos: a Idade Antiga que concebeu o pergaminho no formato códice, a Idade Média que concebeu o papel, e a Idade Moderna com a imprensa. O livro deixa de ser um patrimônio exclusivo da Igreja, dos reis e da alta sociedade; e passa

a alcançar às casas da pequena nobreza e da alta burguesia, para depois alcançar a classe média. E por fim no século XIX atingiu as classes mais populares.

Já no fim do século XIX, começaram a surgir livros com preços mais acessíveis às camadas populares. Como exemplo disso, os folhetins semanais que eram entregues nas casas, que permitiu a formação de um estilo sentimental de literatura, o qual ficou conhecido por sua diversidade de títulos, e por abordar temas peculiares à vida humana.

5.1.2 Panorama da história do livro e da educação no Brasil

Morais (2006) observa que nada se sabe sobre a existência de livros no Brasil na primeira metade do século XVI, em virtude da inexistência de documentos para um estudo mais aprofundado. A demanda de livros naquela época devia ser insignificante, deviam existir apenas livros de leis nas mãos dos magistrados e funcionários, e livros eclesiásticos necessários aos cultos.

Em 1549, quando se instala o governo-geral em Salvador na Bahia, é que de fato, se inicia a vida administrativa, econômica, política, espiritual e social do Brasil. A riqueza da época era concentrada apenas no açúcar e no pau-brasil. Após o estabelecimento dos conventos franciscanos, carmelitas, beneditinos, e principalmente, após a chegada dos padres da Companhia de Jesus, os jesuítas, é que a instrução e os livros começaram a permear a sociedade brasileira.

Os jesuítas chegam à Bahia em 1549, chefiados por Manuel de Nóbrega, nove anos após a formação da Companhia de Jesus. Eles tinham a missão de instruir os colonos e catequizar os nativos. Nenhuma outra ordem cumpriu tão bem essa missão, e obteve tantos resultados como a essa.

Os jesuítas sempre enriqueceram suas bibliotecas, não apenas para atender o seu gosto pessoal, mas também para atender as necessidades que tinham seus alunos dos seminários e colégios. Além de receber livros de Portugal e da Itália, eles não perdiam a oportunidade de fazer boas compras, e a renda para isso provinha dos produtos de suas fazendas (cacau, cravo), e da venda de remédios de suas famosas boticas (Morais, 2006).

As bibliotecas não ficavam abertas apenas para alunos e padres, mas para qualquer pessoa que desejasse, e fizesse o pedido competente. E eram constituídas de acervos de nível universitários, abrangendo os mais variados conhecimentos.

A seleção de livros para as bibliotecas eram demasiadamente rigorosas, sendo banidas as obras consideradas obscenas, e heréticas eram admitidas com certa cautela, inclusive para se ter argumentos para combater as heresias nelas contidas. A orientação dos livros proibidos vinha sobretudo da *Index librorum prohibitorum*, ao qual se recorria para identificar se determinada obra era pecaminosa, indo contra a fé e os costumes. Logo, vê-se que a liberdade de investigação não foi uma prática dos três primeiros séculos de colonização portuguesa no Brasil, como destaca Milanesi (2002).

Com a expulsão dos jesuítas decretada pelo Marques de Pombal em 1759, os padres tiveram que partir, mas deixaram aqui suas bibliotecas. Milanesi (2002) destaca que algumas coleções se perderam por falta de conservação. Outras, sem compradores, foram utilizadas para outros fins que não os da leitura. Durante muitos anos, os livros retirados dos colégios foram colocados em lugares inapropriados, e quanto ao que restou dos acervos, algumas obras foram incorporadas aos bispados, outras remetidas para Lisboa, e quase totalidade foi dilapidada, roubada, ou até mesmo vendida como papel velho a boticários para embrulhar medicamentos.

O ensino na época não era ministrado apenas pelos jesuítas, existiam outras ordens religiosas, como as dos beneditinos, franciscanos, e carmelitas. Eles tinham escolas anexas aos seus conventos e exerceram também um papel importante na instrução do povo, principalmente nas primeiras letras. As ricas abadias beneditinas também possuíam boas bibliotecas. Em relação às bibliotecas franciscanas, pouco se sabe. Todavia sabe-se que as dos conventos importantes, como as de Salvador, Rio de Janeiro, e São Paulo, eram excelentes e abrangiam todos os assuntos. Eles possuíam conventos e livrarias espalhados por várias províncias do Brasil. Os frades também mantinham escolas de primeiras letras para ensinar os nativos, e para isso utilizavam os livros das bibliotecas.

As bibliotecas conventuais foram ativas até a metade do século XVIII. A partir daí, o ensino ministrado pelos padres passou a ser realizado pelos professores régios.

Existem poucas informações sobre livros em mãos de particulares nos séculos XVI e XVII. Todavia, as bibliotecas particulares eram de pessoas cultas da época,

como poetas, médicos, militares, advogados, padres e pessoas que estudavam no exterior e traziam seus livros para o país.

Em relação à publicação de livros no Brasil, Lindoso (2004), afirma que iniciou tardiamente, pelo fato de Portugal proibir a existência de imprensa na colônia. O país teve sua primeira imprensa apenas em 1808, com a chegada do Príncipe Regente D. João VI, da família real e da corte portuguesa. A corte trouxera consigo de Portugal os equipamentos da Imprensa Régia, e também o núcleo do acervo que mais tarde se tornaria a Biblioteca Nacional.

Em relação às escolas no Período Pombalino, Santos (2006) observa que, durante muito tempo elas estiveram reservadas a uma pequena minoria - filhos daqueles que tinham boa condição econômica, e dos profissionais liberais que estudavam para se tornar como seus pais. A grande maioria dos filhos dos operários e agricultores não tinha praticamente oportunidade de estudar, e ficava praticamente condenada ao analfabetismo.

Sobre o Período Joanino, a autora observa ainda que após a chegada da família real foi criado por meio de edital real com data de 05 de maio de 1808, o Curso Superior ou Ilustrativo Urbano, voltado para a formação de civis, militares, engenheiros, médicos e cirurgiões para o exército; e técnicos em agricultura, economia, e indústria para a marinha. Esses cursos representam o marco para o ensino superior no Brasil.

No Período Imperial, entre 1842 e 1844, D. Pedro II editou decretos educacionais destinados à Inspeção Geral de Instrução Primária e Secundária do Município da corte, que era destinada a fiscalizar e orientar o ensino público e particular em 1854. Ele criou também o estabelecimento de normas para o exercício da liberdade de ensino e de um sistema de preparação do professor primário, como destaca Aranha (1989), citada por Santos (2006).

Piletti (1989), citado por Santos (2006), identifica que a instrução primária continuou sendo realizada por meio de aulas de leitura, escrita e cálculo. A organização das escolas de magistério – as escolas normais - iniciada na terceira década do século XIX, trouxeram uma pequena melhora. A instituição secundária caracterizou-se, sobretudo, por ser destinada para alunos do sexo masculino, pela falta de organicidade, pelo predomínio literário, pela aplicação de métodos tradicionais e pela atuação da iniciativa privada. Os últimos anos do Império foram

marcados por fatores de ordem política, social e econômica, que acabaram por se configurar na crise da Monarquia, e propiciaram o advento da República. Esse momento de crise foi marcado pelo desenvolvimento de diversas questões, como a abolicionista, republicana, religiosa e militar.

Após a Independência, surgiram projetos de construção do país, como observa Milanesi:

Fundam-se jornais [...], implantam-se tipografias. Novas idéias devem ser divulgadas e defendidas. [...]. É um novo tempo para o pensamento no Brasil. Abrem-se escolas, criam-se jornais, circulam idéias. O cerceamento é menor à literatura, a população passou a ter acesso a ela facilitado. Além da Biblioteca Pública da Bahia (1811) e da Biblioteca Imperial e Pública do Rio de Janeiro (Biblioteca Nacional), em 1825 novas foram criadas. [...]. Em 1829, foi criada a Biblioteca Pública do Estado do Maranhão, e em 1830, a Biblioteca da Faculdade de Direito de Pernambuco. [...]. Progressivamente, outras foram criadas, ampliando as possibilidades de acesso ao livro. (MILANESI, 2002, p. 30-31)

O mesmo autor também ressalta que na época da Independência havia mais de 80% de analfabetos, e por certo foram excluídos desse cálculo os índios e os escravos.

Em relação à atividade editorial durante o Império, foi secundária, pois a Imprensa Régia foi utilizada principalmente para a impressão de documentos oficiais, embora tivesse publicado alguns ensaios e livros de moral, como afirma Lindoso (2004). A impressão de livros comercialmente, só veio realmente acontecer bem mais tarde, e até o final do século a maior parte dos livros editados no Brasil era feita em Portugal ou em Paris.

Somente a partir do século XIX, os grandes centros editoriais da Europa e da América do Norte passaram a ter empresas gráficas voltadas apenas para a impressão de livros no Brasil. No final do século, duas editoras praticamente monopolizaram a edição de livros no país. Eduard Laemert e Baptiste Louis Garnier publicaram os títulos mais importantes da literatura brasileira na época e foram os primeiros a publicarem livros de informação e livros escolares. Hallewell *apud* Lindoso (2004), observa que a população escolar na virada do século era constituída de 638.378 alunos matriculados no “primário” (educação básica), 20.000 estudantes no secundário e 5.792 estudantes em cursos superiores, do total de uma população de 20 milhões de habitantes.

Milanesi (2002) observa também que os escritores da época, mesmo aqueles que eram ídolos nacionais, não conseguiam viver de literatura. O máximo que conseguiam alcançar era o trabalho em jornais, que lhes permitia continuar escrevendo.

Lindoso (2004) identifica como fator de impedimento ao progresso da educação, a inexistência de títulos escolares produzidos e adaptados à realidade brasileira. Em relação aos livros escolares, Francisco Alves - um jovem português - foi o primeiro editor brasileiro a fazer dos livros escolares a base fundamental de seu negócio. Foi o primeiro a abrir filiais em lugares onde o sistema educacional crescia com mais rapidez. Outro fator de impedimento ao progresso da educação segundo o mesmo autor era que, a educação na Constituição Republicana era descentralizada, deixando a educação a cargo de cada Estado.

Em 1917, algumas tendências marcaram a edição brasileira: a estreita relação entre desenvolvimento da indústria editorial e o crescimento da rede de escolas e do número de estudantes como observa Lindoso (2004). No entanto, foi com a Proclamação da República que se despertou a atenção para a questão do ensino público destinado às camadas mais pobres.

Em fins do século XIX, São Paulo entrou num grande crescimento econômico, decorrentes do cultivo de café e posteriormente do desenvolvimento industrial, que trouxeram consigo a expansão da rede de ensino. Vale ressaltar também que São Paulo foi o primeiro estado brasileiro a instituir a educação primária como obrigatória.

Algumas figuras destacaram-se nesse processo histórico. Monteiro Lobato foi uma delas, pois através do seu trabalho desencadeou grandes transformações na indústria editorial brasileira. À frente da recém lançada *Revista do Brasil* (1917), Lobato começou a editar livros para os amigos, que formavam um grupo forte de representantes de intelectuais paulistanos, todos centrados em torno do jornal *O Estado de São Paulo*. Chegou a enfrentar diversas dificuldades na distribuição dos livros, porém encontrou uma saída de grande criatividade. A partir daí, a empresa passou a chamar-se Monteiro Lobato & Cia, como destaca Lindoso (2004). Com o lançamento na literatura infantil de *A menina do narizinho arrebitado* em 1920, seu nome foi alçado a categoria dos grandes escritores brasileiros.

Lobato após 1920, a partir de bases modernas, transforma o panorama editorial brasileiro com uma série de lançamentos bem-sucedidos comercialmente e sustentados por campanhas publicitárias inéditas. Todavia, como ressalta Milanesi (2002), não se passa impunemente por quatrocentos anos de analfabetismo e não seriam alguns êxitos editoriais que alterariam esse quadro.

Nessa mesma época, os irmãos Weiszflog, recém chegados da Alemanha instalaram uma oficina de encadernação de livros, que logo ganhou uma tipografia. Em 1915, eles começaram a publicar uma nova versão de *O patinho feio* de Andersen, iniciando assim, a produção de livros infantis no Brasil.

Outras inovações marcaram o cenário do Brasil também. A partir da década de 20, surge o rádio. Logo em seguida, na década de 50 surge a televisão, que reforçou a característica básica do rádio. Conforme observa Milanesi (2002, b), a população brasileira passou direto da oralidade aos meios de comunicação, sem que se ocorresse a passagem generalizada da população pelos processos educacionais da cultura letrada.

Com a queda da Monarquia em 1889, inicia-se a Primeira República, conhecida também como República Velha, República Oligárquica, República dos Coronéis ou República do Café. Após a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1914-1918), inicia-se uma lenta mudança no modelo econômico agrário-exportador, até então vigente no Brasil (ARANHA, 1989 *apud* SANTOS, 2006).

Com a quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929, iniciou-se a crise do café. Todavia as consequências que deveriam ser desastrosas, acabaram beneficiando o Brasil, provocando assim, o crescimento do mercado interno. Diante da situação instável, em 1937, Getúlio Vargas aplica o golpe de Estado. As influências das doutrinas totalitárias vigentes na Europa - nazismo e facismo - tornaram-se visíveis no governo centralizado e ditatorial.

A primeira República colocou em questão o modelo de educação herdado do Império, que privilegiava a educação primária e profissional. Em 1920 a educação entrou em crise. Essa crise era resultado da dualidade descentralizadora adotada pela Constituição de 1891, que atribuía à União a competência de legislar privativamente sobre o ensino superior na capital, cabendo-lhe, mas não privativamente, criar instituições de ensino secundário nos Estados e promover a instrução no Distrito Federal, ao passo que aos Estados, era permitido organizar os

sistemas escolares, completos [...]. (Santos, 2006 *apud* AZEVEDO, 1944, p. 359 *apud* RIBEIRO, 1989, p.36).

Posteriormente, em 1890, foi decretada e colocada em prática a Reforma de Benjamin Constant – intelectual encarregado pela República de organizar a educação no país (Milanesi, 2002) - que tinham como princípios norteadores: liberdade; laicidade no ensino; gratuidade da escola primária. Com o fim da Primeira República, o país ainda não havia avançado em relação ao período anterior. De acordo com Santos (2006), em 1930, foi criado o Ministério da Educação e das Secretarias de Educação dos Estados. Foi escolhido como ministro, Francisco Campos, que na década anterior havia reformado a educação em Minas Gerais.

Em 1932 foi lançado o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* por um grupo de 26 educadores. O documento intitulado de *A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo*, circulou em âmbito nacional com a finalidade de oferecer diretrizes para uma política de educação. Desenvolvia-se, ao mesmo tempo, uma nova mentalidade sobre a escola. Educadores como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo dentre outros, promoviam um amplo movimento de reformulação da educação, que ficou conhecido como *Escola Nova*. Essa foi a primeira grande reforma do ensino. Por iniciativa de Gustavo Capanema, então Ministro da Educação de Getúlio Vargas, criou-se o Instituto Nacional do Livro (INL), pelo Decreto-lei nº 93. Essas mudanças na educação permitiram uma grande modificação no mercado editorial, pois desencadearam um crescimento no consumo de livros escolares (LINDOSO, 2004, p. 76).

Nesse período também foi proposta a Lei de Diretrizes e Bases 4024/61, que foi primeira a englobar todos os graus e modalidades do ensino, e levou treze anos para entrar em vigor, e quando foi aprovada em 1961, já estava ultrapassada em muitos pontos, como observa Pilleti (2000), citada por Barros (2006).

Durante a década de 60, a educação popular foi alvo de discussões e idealizações, e Paulo Freire foi um dos principais pensadores desse movimento. Paulo Freire foi o mais célebre educador brasileiro, com atuação e reconhecimento internacionais. Ficou conhecido principalmente pelo método de alfabetização de adultos, que por sinal, leva seu nome. Ele também desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político. Para ele o maior objetivo da educação era o de conscientizar o aluno. Em relação à parcela desfavorecida da sociedade significava,

levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor de sua própria libertação. Seu principal livro se intitula justamente *Pedagogia do Oprimido* e os conceitos nele contidos baseiam boa parte do conjunto de sua obra (FERRARI, 2010).

Sobre as editoras no Rio de Janeiro, pode-se destacar a Schmidt, que publicava tantos autores da esquerda como de direita. Schmidt foi editor de dois importantes romancistas da segunda fase do modernismo brasileiro: Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Outra importante obra publicada foi o ensaio do jovem sociólogo Gilberto Freire, intitulado *Casa Grande & Senzala*, livro que marcaria de forma inquestionável a percepção que os brasileiros tinham de si mesmos e de seu processo de formação histórica (LINDOSO, 2004, p. 81).

O principal editor carioca, no entanto, foi José Olympio. A “Casa”, sua editora, tornou-se a principal editora de literatura no Brasil. Chegou a acolher diversos autores, e passou a lhes dar prestígio por ter se tornado a editora da moda. E progressivamente foi incorporado os nomes mais conhecidos da literatura brasileira ao seu catálogo: Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, Guimarães Rosa, e muitos outros. A Casa publicou também diversas séries de ensaios como a *Documentos Brasileiros*, e chegou a publicar inclusive uma coletânea de discursos e ensaios de Getúlio Vargas, amigo e protetor da Casa. (LINDOSO, 2004, p. 82-83). Ainda de acordo com o mesmo autor, essa habilidade de lhe dar com a direita e com a esquerda, evitaram que a editora sofresse de forma rigorosa a censura que se instalou após 1937.

A década de 1940 marcou a renovação de São Paulo no panorama editorial do país. A fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, e do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal, em 1935 foram o marco disso. A criação da Universidade trouxe para a cidade um grupo muito importante de intelectuais franceses, principalmente à faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Claude Lévi-Strauss, Pierre Monbeig, Fernad Braudel e muitos outros que estiveram na “Missão Francesa” (LINDOSO, 2004, p. 87)

Ainda de acordo com o mesmo autor, desde o início do século, a produção do livro didático foi o grande motor de consolidação para grandes empresas editoriais. Estas se beneficiavam com o investimento do país na educação. Todavia a participação

dos governos era relativamente pequena. Entretanto após 1964 esse panorama começou a mudar.

O golpe que instaurou o Regime Militar no Brasil durou 21 anos, de 1964 a 1985, e teve como protagonistas os generais Castelo Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel e Figueiredo. Durante esse período muitos educadores foram perseguidos em função de posicionamentos ideológicos, outros foram exilados, outros recolheram-se à vida privada, e outros foram demitidos. A principal característica da época era a repressão de tudo que ia contra o governo (SANTOS, 2006, p. 100).

Foi nessa época que se iniciou uma grande expansão das universidades no Brasil. Também foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que tinha por finalidade erradicar o analfabetismo da sociedade brasileira. Foi instituída a lei de 5692/71 (Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação), que fixou as bases para o ensino de 1º e 2º graus (CAMBI, 1999, *apud* SANTOS, 2006).

A reforma do ensino de 1971 decretou oficialmente a prática das pesquisas nas escolas. Sobre isso, Milanesi (2002) observa que a escola brasileira funcionou e ainda funciona, com algumas variações, dentro de um esquema que leva o aluno à reprodução de discursos, e não à criação do seu próprio discurso (grifo do autor). Ao professor cabe preparar a aula. E o aluno educado nesse sistema, mesmo identificando o problema, tem dificuldades para romper com ele.

Todavia, a reforma que objetivou mudar a escola, desencadeou dois fenômenos com a imposição da pesquisa: 1) a ineficácia de decreto que exige mudanças sem levar em conta as deficiências sedimentadas ao longo da história do ensino no país; 2) a inexistência de bibliotecas em condições de servir de base para o desenvolvimento das pesquisas (MILANESI, 2002, p. 43).

Em contrapartida, os editores, atentos ao mercado, passaram a oferecer o produto perfeito adequado à nova situação: as enciclopédias. Os pais que tinham boa condição financeira adquiriram as enciclopédias, pois desta maneira as idas às bibliotecas em busca de informações não seria mais necessária. As bibliotecas públicas foram “obrigadas” a adquirir as enciclopédias também, pois passaram a receber estudantes.

O mesmo autor observa também que faltam dados claros sobre a situação das bibliotecas públicas no Brasil. Mas de qualquer forma, também não se tem notícia de

mobilização popular e protesto público contra a indulgência das bibliotecas, e à favor da criação de novas bibliotecas para atender à sociedade (grifo do autor).

Em relação às bibliotecas universitárias ainda de acordo com Milanesi (2002), o cenário não era muito animador. “Se fazemos o ensino básico sem bibliotecas, seria estranho que subitamente, elas passassem a existir para os alunos assim que eles transpusesse o limiar da faculdade”.

Após o fim do Regime Militar em 1985, inicia-se a Nova República, ainda com eleições indiretas. Com a morte do então eleito Presidente da República, Tancredo Neves, José Sarney assume à presidência.

Em 1988, com a promulgação da nova constituição, que defendia em seu texto que educação é direito de todos e dever do Estado e da família, educadores e suas entidades representativas se mobilizam para oferecer novas idéias e propostas à nova LDB, que seria promulgada em 1996, após oito anos de trâmite no Congresso Nacional.

A década de 80, considerada por muitos a “década perdida”, em termos econômicos, foi extremamente positiva em relação à manifestações político-sociais. Entre elas estão a luta pelas diretas já em 1984, a criação de entidades organizativas amplas do movimento popular, e o surgimento de inúmeros movimentos sociais em todo o território nacional (RIBEIRO, 1989 *apud* SANTOS, 2006).

Na década de 80 iniciou-se também uma nova teoria, ainda em processo de formulação. Um grupo de filósofos e pedagogos, entre eles, Demerval Saviani, José Carlos Libâneo, Guiomar Namó de Mello, Carlos Roberto Jamil Cury, questionavam o quadro de desorganização da escola – haviam na época, altos índices de analfabetismo, evasão escolar e repetência. Essa nova teoria recebeu diversas denominações: pedagogia crítico-social dos conteúdos, pedagogia dialética e pedagogia histórico-crítica. Os teóricos dessa tendência consideravam que o homem se constrói pelo trabalho, inserido na cultura em que vive. (SANTOS, 2006, p. 102)

A partir da década de 90, a chamada globalização, fenômeno que esteve em processo desde o início da História da Humanidade, se impôs como um fenômeno de dimensão planetária.

Para Ianni, a globalização pode ser vista como:

um processo histórico-social de vastas proporções, abalando mais ou menos drasticamente os quadros sociais e mentais de referência de indivíduos e coletividades. Rompe e recria o mapa do mundo, inaugurando outros processos, outras estruturas e outras formas de sociabilidade, que se articulam e se impõem aos povos, tribos, nações e nacionalidades. Muito do que parecia estabelecido em termos de conceitos, categorias ou interpretações, relativos aos mais diversos aspectos da realidade social, parece perder significado, tornar-se anacrônico ou adquirir outros sentidos. Os territórios e as fronteiras, os regimes políticos e os estilos de vida, as culturas e as civilizações parecem mesclar-se, tensionar-se e dinamizar-se em outras modalidades, direções ou possibilidades. As coisas, as gentes e as idéias movem-se em múltiplas direções, desenraizam-se, tornam-se volantes ou simplesmente desterritorializam-se. Alteram-se as sensações e as noções de próximo e distante, lento e rápido, instantâneo e ubíquo, passado e presente, atual e remoto, visível e invisível, singular e universal. Está em curso a gênese de uma nova totalidade histórico-social, abarcando a geografia, a ecologia e a demografia, assim como a economia, a política e a cultura. (IANNI, 1998).

O autor também afirma que o globalismo compreende

relações, processos e estruturas de dominação e apropriação desenvolvendo-se em escala mundial. São relações, processos e estruturas polarizadas em termos de integração e acomodação, assim como de fragmentação e contradição, envolvendo sempre as condições e as possibilidades de soberania e hegemonia. Todas as realidades sociais, desde o indivíduo à coletividade, ou povo, tribo, nação e nacionalidade, assim como corporação transnacional, organização multilateral, partido político, sindicato, movimento social, corrente de opinião, organização religiosa, atividade intelectual e outras, passam a ser influenciadas pelos movimentos e pelas configurações do globalismo, e a influenciá-lo. São articulações, integrações, tensões e contradições, envolvendo uns e outros, organizações e instituições, ou as mais diversas realidades sociais, de tal forma que o globalismo pode aparecer mais ou menos decisivamente no modo pelo qual se movem indivíduos e coletividades no novo mapa do mundo. (IANNI, 1998).

Assim sendo, a globalização é um processo de integração econômica, social, política e cultural dos países no mundo. Suas principais características são a homogeneização dos centros urbanos; a expansão das corporações fora de seus núcleos geopolíticos; a revolução tecnológica nas comunicações, eletrônica e informática; a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais; a hibridização entre culturas populares locais e uma cultura de massa supostamente universal.

Portanto, a globalização veio mudar o cenário no mundo, trazendo consigo também diversas conseqüências, dentre elas, o aumento da desigualdade social.

Sendo assim, a educação é o melhor e mais adequado mecanismo capaz nivelar ou diminuir as desigualdade sociais.

5.1.3 Hábito de leitura

Vivemos atualmente na chamada, sociedade da informação. Onde a informação é geradora de capital de mercado e de trabalho no mundo, como observa Furtado:

A sociedade da informação, baseia-se em um modelo de sociedade onde a informação encontra-se presente, de maneira intensa, na vida social dos povos de todos os países, independente do seu nível de conhecimento, tamanho, ou filosofia política, desempenhando um papel central na atividade econômica e na criação de riqueza. Porém, um dos mais importantes aspectos dessa realidade é a educação. (FURTADO, 2004, p. 1)

Sendo a educação um dos aspectos mais importantes dessa realidade, um dos novos paradigmas da educação nos dias de hoje, é aprender a aprender, e dentro disso, a biblioteca escolar tem um papel fundamental, pois pode contribuir consideravelmente, para a geração de novos conhecimentos. E uma das maneiras mais utilizadas para se adquirir conhecimento é por meio da leitura.

Souza (2006) identifica diversos benefícios promovidos pela leitura:

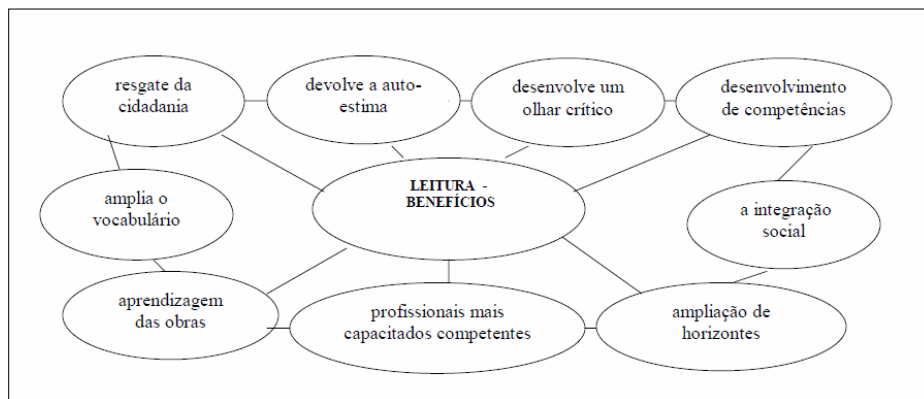


Figura 1: Benefícios da leitura

Fonte: A importância da leitura para a formação de uma sociedade consciente, 2006

Observa-se portanto que, a prática da leitura traz consigo diversos benefícios, e para que uma criança cresça e se torne um adulto leitor, é necessário que isso seja ensinado desde a sua infância. Pois desde nossos primeiros contatos com o mundo

começamos a compreender e a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler.

O gosto pela leitura surge do convívio social com outras pessoas, e no convívio das instituições onde o livro e a leitura se fazem presentes, ou seja, a família, a escola e a biblioteca. Toda criança aprende a ler naturalmente, mas para a leitura seja aperfeiçoada, é necessário que haja uma constância nas atividades de incentivo realizadas pelas instituições onde o livro e a leitura se fazem presentes.

Em termos de sociedade brasileira, Silva destaca também alguns benefícios proporcionados pela leitura:

- a) A leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial à própria vida do ser humano;
- b) A leitura está intimamente relacionada com o sucesso acadêmico do ser que aprende, e contrariamente à evasão escolar;
- c) A leitura é uma das principais instrumentos que permite o Ser Humano situar-se com os outros;
- d) A facilitação da aprendizagem eficiente da leitura é um dos principais recursos de que dispõe o professor para combater a massificação, executada principalmente pela televisão;
- e) A leitura, possibilitando a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem. (SILVA, 2002, p. 42).

Sobre o hábito de leitura, Sandroni e Machado (1991), afirmam que ninguém nasce com o gene da leitura, ou seja, ninguém nasce com a predisposição para ser um leitor, ao contrário, isso deve ser ensinado às crianças a partir da idade em que elas sejam capazes de compreender o mundo ao seu redor. O hábito de leitura deve ser ensinado constantemente, e para isso, é necessário que se dê desde o início à criança o objeto a ser lido (o livro), respeitando a sua faixa etária, e seu nível de aprendizado.

O quadro a seguir, demonstra as diferentes preferências do leitor de acordo com a faixa etária:

O LEITOR		
Faixa etária	Escolaridade pretendida	Estágios de desenvolvimento da leitura

0 a 3		Não-leitura: grande apoio na imagem
3 a 6	Pré-escolar	Pré-leitura: desenvolvimento da linguagem oral, percepção e estabelecimento de relações entre imagens e palavras
6a 8	1° a 2° séries	Alfabetização: leitura silábica e de palavras com dificuldade ainda de associação do que é lido e com o pensamento completo a que o texto remete; a ilustração facilita a compreensão
8 a 10	3° e 4° séries	Iniciação: leitura sintática, com capacidade de ler e compreender porções completas de textos curtos e de leitura fácil com eventual apoio da ilustração
10 a 12	5° e 6° séries	Desenvolvimento: passagem gradual da leitura sintática para a leitura crítica, com maior extensão e com complexidade dos textos no que se refere a idéia, estrutura e linguagem (inclusive visual)

Quadro 1: Características do leitor

Fonte: A criança e o livro, Sandroni; Machado, 1991

Portanto deve-se estar atento às características cada faixa etária para poder desenvolver o tipo de atividade adequada com cada criança.

De fato a leitura é importante e traz diversos benefícios, e por isso deve ser ensinado às crianças desde que já consigam compreender o universo que as cerca.

Mas o que é ler? Sandroni e Machado (1991) definem que ler é ver o que está escrito, é interpretar por meio da leitura, é decifrar, compreender o que está escondido, é descobrir, é tomar conhecimento do conteúdo um texto por meio da leitura.

Martins define o ato de ler semelhantemente ao que já foi explanado anteriormente:

É um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de qual linguagem. O ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido. (MARTINS, 1994, p. 30)

A autora diz também que aprender a ler significa também “aprender a ler o mundo, dar sentido à ele, e a nós mesmos. Vale ressaltar que o conhecimento da língua e o processo de alfabetização não levam por si só à existência milagrosa de leitores efetivos, se fosse assim, estaríamos vivendo numa sociedade repleta de leitores.

E nesse contexto, o papel do professor é fundamental, pois ele não tem apenas a função de ensinar a ler, mas de criar condições para que o aluno realize a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades e fantasias.

Silva (1995) observa que, ler também é possuir elementos de combate à alienação e ignorância. Dessa forma, a pessoa que sabe ler sabe se posicionar frente aos problemas sociais enfrentados em nossa sociedade. Ele também alinha três motivos que levam uma pessoa a sentir a necessidade de ler: 1) necessidade informacional, que ajuda a pessoa a manter-se atualizado com os acontecimentos ao redor; 2) necessidade de conhecimento e prazer que está diretamente relacionada aos processos de estudo e pesquisa, e a 3) leitura de prazer estético, ou lazer que está ligada à poesia e aos gêneros literários.

Já foram vistas algumas definições de leitura, mas e o que é hábito? De acordo com o *Dicionário Aurélio*, hábito é comportamento que determinada pessoa aprende e repete frequentemente, é uso, costume; uma maneira de viver; modo constante de comportar-se, de agir. O hábito difere do instinto, que é um comportamento inato, e não aprendido.

Sandroni e Machado (1991) definem hábito como sendo a disposição duradoura, adquirida pela repetição frequente de um ato, uso ou costume, e ressaltam que apenas a educação pode criar os bons hábitos.

5.1.4 Leitura em casa, na escola e na biblioteca

Já foi dito, que o gosto pela leitura surge pelo convívio social com outras pessoas, no convívio das instituições onde o livro e a leitura se fazem presentes, ou

seja, a família, a escola e a biblioteca, e por fim se consolida a partir da prática cotidiana.

Alquéres (2008) destaca que um bom leitor se faz, fundamentalmente em casa. Fernandez (1994), por Hillesheim e Fachim (1999) considera que, a família é a primeira e a maior responsável pelo incentivo à leitura. Pois, é com a família que acontece o primeiro contato da criança com o mundo, desta feita, ali deve se iniciar o processo de formação do hábito da leitura, porque é ali também que a criança passa a maior parte do tempo.

Sandroni e Machado (1992) afirmam que numa casa onde os pais gostam de ler, mesmo que não disponham de uma boa biblioteca, a criança vai crescer valorizando os livros. E será a partir desse contato inicial, que ela vai perceber que livro é uma coisa boa, e que dá prazer. E esse incentivo pode ser feito através de cantigas de ninar, brincadeiras, e também folheando livros cheios de cores, e figuras com as crianças.

É necessário que se ajude a criança a descobrir o que cada livro pode lhe oferecer. Sobre o universo dos livros os autores citados acima afirmam:

Cada livro pode trazer uma idéia nova, ajudar a fazer uma descoberta importante e a ampliar o horizonte. Uma coisa é certa: as histórias que os pais contam e o livros que pais e filhos vêem juntos, formam a base do interesse em aprender a ler e a gostar dos livros (SANDRONI e MACHADO, 1992, p. 16).

Pode-se afirmar também que se a criança observa nos pais e familiares, interesse pelos livros desde cedo, ela futuramente terá maiores possibilidades de vir a se tornar uma leitora em potencial.

A influência dos pais é essencial na formação do hábito de leitura, principalmente porque eles serão sempre os referenciais para os quais as crianças irão olhar, e se espelhar. Desta forma, é necessário que alguns hábitos sejam inseridos dentro da rotina familiar, ou seja, é preciso que os pais desenvolvam atitudes que estimulem o gosto pela leitura nos seus filhos.

Bamberger (1987), considera que as ações relacionadas no quadro a seguir, se realizada pelos pais, podem contribuir positivamente para formação do hábito de leitura:

Contar histórias e ler em voz alta para os filhos com a maior frequência possível

Organizar uma biblioteca pessoal para o filho, apropriada à sua idade, aos seus desejos, às suas necessidades e à fase de desenvolvimento em que ele se encontra.
Instruir os filhos para gastarem parte de seu dinheiro miúdo em livros
Zelar para que reserve algum tempo para a leitura no maior número de noites possível, no qual cada membro da família lerá seu próprio livro
Participar da leitura dos filhos, isto é, conversar sobre o que eles estão lendo
Ajudar os filhos a reconhecer que podem aplicar e usar o que lêem; que os livros dão segurança, luz e beleza às suas vidas.

Quadro 2: Conselho aos pais

Fonte: Como incentivar o hábito de leitura, Bamberguer, 1987

Observa-se então, que serão pequenas ações realizadas pelos pais ao longo do crescimento da criança, que irão desenvolver o gosto pelo livro e pela leitura e farão delas leitoras no presente e no futuro.

A segunda instituição formadora do hábito da leitura é a escola. De acordo com Hillesheim, o objetivo principal da escola consiste em oferecer aos seus alunos habilidades e competências necessárias para o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional. E a leitura é uma dessas atividades básicas, com ampla diversidade de uso e aplicação, e pode ser realizada para informar, investigar, aprender, ensinar, divertir, entre outros (HILLESHEIM, 2004, p. 2). Quando a criança entra na escola, o professor desempenha o papel mais importante, que é o de ensiná-la a ler e a gostar de ler.

O próximo quadro apresenta dicas de atuação para professores e bibliotecários.

Professores	Bibliotecários
Falar, ouvir, contar histórias, manusear livros	
Ensinar a ler: a) Identificar interesses e habilidades em cada aluno; b) Identificar estágios de desenvolvimento em leitura; c) Identificar os livros disponíveis e planejar seu uso para diferentes fins: didáticos, referência, ficção, não-ficção; d) Planejar as atividades e desenvolvê-las em classe; Avaliar e informar;	a) Apoiar os pais e professores na orientação da escolha de livros; b) Provocar e estimular a escolha individual; c) Realizar atividades de animação de leitura; d) Fazer da biblioteca um ponto de encontro para adulto e criança

a) Desenvolver o gosto pela leitura; b) Estimular a escolhas individuais; c) Proporcionar experiências variadas: coletivas e em grupos	
--	--

Quadro 3: Atuação dos Professores e Bibliotecários

Fonte: A criança e o livro, Sandroni; Machado, 1991

Observa-se então, que a atuação dos professores e bibliotecários dentro da escola também é determinante para a solidificação do hábito de leitura nas crianças.

A terceira instituição formadora e incentivadora do hábito de leitura é a biblioteca escolar.

A biblioteca escolar, de acordo com Caldin (2003), é o lugar ideal para apresentar a leitura como atividade natural e prazerosa para as crianças, posto que, para muitas delas, configura-se a única oportunidade de ter acesso aos livros e à leitura.

De acordo com o *Manifesto da Biblioteca Escolar* publicado pela IFLA/ UNESCO, a missão da BE é promover serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.

De acordo com Fragoso (2002, p. 127-128), os objetivos da BE são:

- a) Cooperar com o currículo da escola no atendimento às necessidades dos alunos, dos professores e dos demais elementos da comunidade escolar;
- b) Estimular e orientar a comunidade escolar em suas consultas e leituras, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de selecionar e avaliar;
- c) Incentivar os educandos a pensar de forma crítica, reflexiva, analítica e criadora, orientados por equipes inter-relacionadas (educadores + bibliotecários);
- d) Proporcionar aos leitores materiais diversos e serviços bibliotecários adequados ao seu aperfeiçoamento e desenvolvimento individual e coletivo;
- e) Promover a interação educador – bibliotecário - aluno, facilitando o processo ensino-aprendizagem;
- f) Oferecer um mecanismo para a democratização da educação, permitindo o acesso de um maior número de crianças e jovens a materiais educativos e, através disso, dar oportunidade ao desenvolvimento de cada aluno a partir de suas atitudes individuais;
- g) Contribuir para que o educador amplie sua percepção dos problemas educacionais, oferecendo-lhe informações que o ajudem a tomar decisões no sentido de solucioná-los, tendo como ponto de partida valores éticos e cidadãos).

Stump e Oliveira (1987) citados por Hillesheim e Fachim (1999), consideram a BE possui três funções básicas: 1) função educativa: precisa funcionar como elemento

de apoio no desenvolvimento das atividades curriculares para a melhoria da qualidade de ensino e como instrumento para a formação integral do indivíduo, que é o papel final da educação; 2) função cultural e social: colocar a disposição os produtos da cultura, isto é, livros, entre outros, para facilitar a expressão e a transmissão dos conhecimentos e valores para que sejam recriados e evoluam a cada nova geração; 3) função recreativa educativa: possibilitar ao usuário modificar o seu conceito de biblioteca, através de atividades que o farão aprender a manejar os recursos que ela dispões, sendo conduzido à leitura (recreativa e informativa), ao trabalho de pesquisa, ao material audiovisual, por prazer e não por obrigação

As autoras também destacam que o profissional que atua na BE deve ser um especialista em livros, audiovisuais, entre outros; deve demonstrar entusiasmo e respeito pelo ensino-aprendizagem; manter-se atualizado sobre as tendências inovadoras da educação; deve demonstrar preocupação pelo bom aproveitamento e realização pessoal de cada aluno; deve possuir capacidade de planejar em cooperação com todas as pessoas que fazem parte da escola (diretores, professores, etc).

O *Manifesto para a Biblioteca Escolar* considera que o bibliotecário é profissional qualificado e adequado para atuar na biblioteca escolar, sendo responsável pelo planejamento e gestão.

Fragoso (2002, p. 130) apresenta as principais funções e atribuições que devem fazer parte do dia-a-dia do bibliotecário escolar:

- a) Participar ativamente do processo educacional, planejando junto ao quadro pedagógico as atividades curriculares. E isso deve ser feito para todas as disciplinas, acompanhando o desenvolvimento do programa, colocando à disposição da comunidade escolar, materiais que complementem a informação transmitida em classe;
 - b) Fazer da biblioteca um local descontraído, de modo a que os leitores se sintam atraídos para ela;
 - c) Estimular os alunos, através de atividades simples, desde o maternal, a se envolverem com propostas leitoras;
 - d) Estimular os educadores a vivenciarem a biblioteca da escola como um espaço pedagógico de educação continuada;
 - e) Proporcionar informações básicas que permitam ao aluno formular juízos inteligentes na vida cotidiana;
 - f) Oferecer elementos que promovam a apreciação literária, a avaliação estética e ética, tanto quanto o conhecimento dos fatos;
 - g) Favorecer o contato entre alunos de idades diversas;
- Proclamar uma biblioteca para leitores solidários, e não para leituras solitárias.

Além do profissional qualificado, outro fator importante, dentro da BE, é acervo, e qualquer biblioteca que deseje desempenhar seus objetivos necessita de um bom acervo. Os componentes básicos para uma biblioteca escolar são: livros didáticos e paradidáticos, dicionários, enciclopédias, livros técnicos e científicos, livros de cultura geral, livros de formação pedagógica, livros recreativos infantis e adultos, livros de ficção, revistas, revistas em quadrinhos, folhetos, audiovisuais, jogos, fantoches, mapas, globos, DVDs, entre outros.

Sobre as atividades desenvolvidas pela BE, Quinhões (1998) citado por Hillesheim e Fachim (1999, b), destaca que ela devem criar meios para atrair um número cada vez maior de leitores através de clubes de leitura, horas do conto, criação de histórias, teatro, varal de poesias, sarais, festivais artísticos, debates, palestras, concursos, exposições, projeção de filmes, etc.

Para finalizar este tópico, baseados em estudos globais encomendados pela Unesco, Cropani (1998), citado por Rosa e Oddone (2005), destaca que existem quatro fatores determinantes que fortalecem o hábito de leitura: ter nascido em uma família de leitores; ter passado a juventude em um sistema escolar preocupado com o estabelecimento da prática de leitura; o preço do livro e o valor simbólico que a população atribui ao livro.

5.1.5 Políticas Públicas para o livro, leitura e biblioteca

De acordo com Rosa e Oddone (2006), na década de 1930, em meio a um cenário de mudanças econômicas, políticas, e culturais, e com o acontecimento de dois eventos importantes, a Revolução de 30 e o Estado Novo, foi institucionalizado o primeiro órgão para efetivar políticas de bibliotecas públicas. Criou-se em 1937 no Governo de Getúlio Vargas com o Decreto-lei nº 93/37, o Instituto Nacional do Livro (INL) por iniciativa do ministro da educação Gustavo Capanema, que tinha as seguintes competências: organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, editar obras de interesse para a cultura nacional, criar bibliotecas públicas e estimular o mercado editorial mediante promoção de medidas para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país. Sua origem vem, da incorporação das funções do Instituto Cairu, e do Plano Nacional da Educação (PNE).

Milanesi (2002) destaca que foi a partir do Estado Novo com a política consubstanciada pelas ações do Instituto Nacional do Livro (INL), é que houve uma forte campanha visando à difusão da leitura como alavanca para o desenvolvimento pessoal e coletivo. A intenção era que as bibliotecas criadas junto com os seus livros pudessem ser instrumentos de elevação do nível cultural e alavancassem o desenvolvimento. Apesar da boa intenção essas bibliotecas do mesmo jeito que vieram, foram embora.

Na década de 70 é que se firmou no Brasil a idéia da necessidade de leitura como fator decisivo no processo educacional. A lei que implantou a obrigatoriedade da pesquisa escolar, levou milhões de crianças e adolescentes às bibliotecas à procura de algum texto que, pudessem atender às expectativas dos professores.

De acordo com Copes e Saveli, na década de 80 após 20 anos de ditadura militar, começaram a surgir movimentos em torno da promoção e formação da leitura. A partir daí, pôde-se notar uma grande preocupação em torno da promoção e formação da leitura no Brasil. Surgem respectivamente, a Associação de Leitura no Brasil (ALB) em 1981, a Câmara Brasileira do Livro (CBL) em 1988.

Dentre as diversas iniciativas que almejavam a criação de uma sociedade leitora, faz-se necessário destacar a promulgação da Constituição Federal em 1988, que destaca seu artigo 205:

A educação é direito de todos, e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Segundo Coles e Saveli (s.d.), mesmo com aquilo que preceitua a lei, as políticas públicas não caminharam como deveriam. A lentidão com que as políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca acontecem, contribuem em promover atrasos que há muito vem se somando. No mesmo ano em que foi promulgada a nova Constituição da República, criou-se a, que tem por objetivo promover a indústria e o comércio do livro e defender os interesses de seus associados. O quadro a seguir, apresenta as fundações, proclamações, as instituições, as associações, e os congressos que tem por objetivo à promoção da leitura no Brasil.

Nome	Ano	Objetivo	Alvo	Órgão Promotor
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) (Instituição não governamental, sem fins lucrativos)	1968 até os dias atuais	Promover a leitura literária e divulgar o livro de literatura infantil e juvenil de qualidade. Investir na formação de professores e bibliotecários; realizar oficinas, cursos, seminários; prestar assessorias junto à entidades públicas e privadas.	Crianças, jovens, professores, bibliotecários e interessados na área da leitura.	Iniciativa Privada - filiada a IBBY (órgão consultivo da UNESCO)
Proclamação do Ano Internacional do Livro	1972	Promover a leitura.	Todos os povos	UNESCO / EMO
Associação Internacional de Leitura	1979 até os dias atuais	Promover a leitura.	Interessados na área da leitura.	IRA; CBS
Associação de Leitura no Brasil (ALB)	1981 até os dias atuais	Ser um espaço privilegiado de análise e crítica das condições de leitura no país e lugar de luta pela efetiva garantia do exercício da cidadania pela maioria excluída	Pesquisadores, professores de todos os níveis, estudantes universitários, bibliotecários, jornalistas, editores, livreiros, historiadores etc.	IEL / UNICAMP
Congresso de Leitura do Brasil (COLE - de 2 em 2 anos) realizado pela ALB	1980 até os dias atuais	Promover um espaço privilegiado de análise crítica das condições de leitura e da escrita e possibilitar o usufruto da produção cultural e intelectual existente e produzida no país. Criar condições para realização crítica de propostas de superação das exíguas condições de leitura e escrita em nosso país no âmbito das ações macro políticas e micro-políticas	Profissionais da área de educação - diversos níveis de ensino da área pública e privada e interessados na área.	ALB/FE /UNICAMP

Câmara Brasileira do Livro (CBL) - entidade independente, sem fins lucrativos	1946 dias atuais	Promover a indústria e o comércio do livro e defender os interesses de seus associados. Desenvolve uma série de atividades e eventos, para difundir a produção editorial brasileira e promove cursos de treinamento e atualização para professores, bibliotecários e pesquisadores da área. Influi nas políticas públicas de fomento à leitura e no aumento da eficiência e na capacitação tecnológica do setor.	Editores, livreiros, distribuidores, profissionais de venda direta professores, bibliotecários e pesquisadores da área.	Editores, livreiros, distribuidores, profissionais de venda direta. Os associados, que representam os diversos setores da indústria do livro.
Câmara Setorial do Livro	1992	fornecer subsídios e formular recomendações para a definição de diretrizes, estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento da área do Livro, Criação, Leitura e Bibliotecas, em sintonia com os eixos centrais das políticas do Ministério da Cultura: o incentivo à produção e o amplo acesso à fruição simbólica; o fortalecimento da produção cultural na economia. como setor capaz de gerar trabalho e renda; e a promoção da cidadania mediada pela cultura e pela arte.	Sociedade brasileira	MINC

Quadro 4: Fundações, Instituições, Associações, Congressos e Proclamações

Fonte: *Leitura no Brasil – Programas, projetos e campanhas, atualizada por Vanêssa de Sousa Silva, 2010.*

Observa-se portanto que, surgiram diversas iniciativas com o intuito de promover o livro e a leitura, tanto por parte do governo quanto da sociedade.

Em relação a leis, decretos, e planos relacionados ao livro, leitura e biblioteca, podemos destacar o Decreto nº 84.631 de 1980 que instituiu a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca e o Dia do Bibliotecário, a Constituição Federal do Brasil em 1988, a Lei de Diretrizes e bases da educação (LDB) em 1996, o Plano Nacional da

Educação (PNE) em 2000, o Plano Nacional do Livro (PNL) em 2003, o Plano Nacional do livro e da leitura (PNLL), e a Lei 12.244 em 2010, apresentados no quadro abaixo:

Nome	Ano	Objetivo	Órgão
Decreto nº 84.631	1980	Institui a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca e o Dia do Bibliotecário	MinC/CJ
Constituição	1988	Artigo 205 - A educação é direito de todos, e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.	Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos
Lei n 9.394 – Lei de diretrizes e bases da educação (LDB)	1996	Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Artigo n 2: A educação dever da família e dos Estados, inspiradas nos princípios de liberdade e nos idéias de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho	Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos
Lei 10. 172 - Plano Nacional da Educação (PNE)	2000	Democratizar o ensino público, elevar o grau de escolaridade da população, reduzir as desigualdades sociais, e melhorar a qualidade do ensino	Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos
Lei nº 10.753 – Política Nacional do Livro (PNL)	2003	Institui a Política Nacional do Livro - assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro; promover e incentivar o hábito da leitura; capacitar a população para o uso do livro como fator fundamental para seu progresso econômico, político, social e promover a justa distribuição do saber e da renda; instalar e ampliar no País livrarias, bibliotecas e pontos de venda de livro	Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos
Plano Nacional do livro e da leitura (PNLL)	2006	Melhorar a realidade da leitura no país. Seus quatro eixos básicos são: democratização do acesso; fomento à leitura e à formação; valorização da leitura e da comunicação; apoio à economia do	MEC/MINC/ presidência

		livro	
Lei 12.244	2010	Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País.	Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos

Quadro 5: Leis, decretos e planos relacionados ao livro, leitura e biblioteca

Fonte: Políticas Públicas para o livro, leitura e biblioteca, 2006; legislação, elaborada por Vanêssa de Sousa Silva, 2010.

Nota-se, que ao longo dos anos, o governo sancionou diversas normas em prol do livro, da leitura, mas apenas em 2010 foi declarada a obrigatoriedade de biblioteca nas escolas em todo o território nacional. Porém somente existência de leis, decretos, e planos sem que haja um controle ou fiscalização, não garantem o cumprimento das mesmas.

O PNLL possui quatro eixos estratégicos, vinte linhas de ação e um calendário anual de eventos. Os quatro eixos são os seguintes: democratização do acesso; fomento à leitura e à formação; valorização da leitura e da comunicação; apoio à economia do livro (ROSA; ODDONE, 2006, p. 188).

As políticas manifestaram-se também por meio de diversos programas governamentais, como o Pró-leitura, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), Fome do Livro e Vivaleitura, o Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE) e o Programa Nacional de Livro Didático (PNL), apresentados no quadro abaixo.

Nome	Ano	Objetivo	Alvo	Órgão Promotor	Distribuição
Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, PNLEM)	1938 com o Decreto-Lei nº 1006, que instituiu a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) - 1985 a 2005	Distribuir livros didáticos.	Alunos do Ensino Fundamental	Estado/ MEC / IN L	Educação pública
Programa Nacional de Incentivo à	1992 até dias atuais	Estruturar uma rede de programas	Professores, bibliotecários, pesquisadores	Estado / MEC/ Fundação	Brasil

Leitura – PROLER - Decreto nº 519		capaz de consolidar práticas leitoras. Fazer crescer a consciência e a demanda das condições de acesso variado aos bens culturais – leitura e escrita	e interessados na área da leitura.	Biblioteca Nacional / FNLIJ	
Programa PRO-LEITURA	1992 dias atuais	Oferecer formação continuada – teórica e prática sobre a leitura.	Interessados na área da leitura	Estado/ MEC / Fundação Biblioteca Nacional / FNLIJ	Brasil
Programa Nacional Biblioteca (PNBE) - Portaria Ministerial nº 584	1997 dias atuais	Promover a leitura aos alunos e professores. Apoiar projetos de capacitação e atualização do professor do Ensino Fundamental	Bibliotecas das escolas Públicas de Ensino Fundamental; portadores de necessidades especiais.	Estado/ MEC / SEDF/ FNDE	1998: 1ª a 8ª séries, com + de 500 alunos; 1999: 1ª a 4ª séries com mais de 150 alunos
Programa Viva Leitura	2004	Gerar políticas que contribuam para uma mudança de cenário para o livro e a leitura no Brasil, Quatro eixos: Democratização do acesso; fomento à leitura e formação; valorização do livro e da leitura; e apoio à criação e produção	Sociedade brasileira	MINC/ MEC/ Assessoria Especial da Presidência da República	

Quadro 6: Programas de incentivo à leitura no Brasil

Fonte: Programas de incentivo à leitura no Brasil; Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca, Rosa; Oddonne, 2006; s viva leitura

Em relação à legislação voltada para o autor, ao livro e sua distribuição, podemos destacar três iniciativas. A primeira foi a Lei do Direito Autoral - Lei 9.610/98 (Brasil,

1998) - criada em 1998, que regula os direitos autorais. A segunda foi a Lei nº 8 313/91 (Brasil, 1991 chamada Lei Rouanet – elaborada pelo cientista político Sérgio Paulo Rouanet, secretário de Cultura da Presidência (1991/1992) do Governo Fernando Collor. Ela substituiu a Lei nº 7.505/86 (Brasil, 1986), criada pelo presidente José Sarney englobou todo o setor cultural (BRASIL, 1991). A lei instituiu o Programa de apoio à cultura (Pronac) com o objetivo de arrecadar e direcionar recursos para a cultura.

E a terceira, foi a lei de desoneração fiscal, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 21 de dezembro de 2004, que isenta “[...] a produção, comercialização e importação de livros do pagamento do PIS/Cofins/Pasep, o que varia entre 3,655 a 9,25%” (SCORTECCI; PERFETTI. 2006, p. 29 *apud* ROSA; ODDONE, 2002, p. 189)) Desse modo, editores, livreiros e distribuidores não mais pagarão qualquer tipo de taxa ou imposto sobre operações com livro, gozando, de imunidade tributária, conforme prevê a Constituição, na Seção II – Das Limitações do Poder de Tributar, Art. 150, inciso VI, alínea d (BRASIL, 2005). Ainda de acordo com as autoras citadas acima, a desoneração é vista por alguns de forma bastante otimista, sobretudo pelo próprio governo, como garantia de uma redução no preço do livro, fato que não está assegurado.

Em troca da desoneração fiscal, os empresários deveriam oferecer 1% do resultado, para criar o Fundo Pró-Leitura. O objetivo do fundo é gerar recursos da ordem de R\$ 45 milhões anuais a serem utilizados em projetos e programas para fomentar a leitura, as bibliotecas e conseqüentemente a própria indústria editorial. O Fundo Pró-leitura foi criado em outubro de 2005 por cinco entidades relacionadas ao livro – Associação Brasileira de Difusão do Livro (ABDL), Associação Brasileira de Editores e Livreiros (Abrelivros), Associação Nacional de Livrarias (ANL), Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL) e Câmara Brasileira do Livro (CBL).

Os primeiros recursos do Fundo foram utilizados numa campanha de incentivo à leitura, com a participação em caráter voluntário dos atores Reynaldo Gianecchini e Cleo Pires. O objetivo da campanha era mostrar o livro como fonte de lazer e entretenimento; no entanto a sofisticação do cenário dos cliques continua reforçando a idéia do livro como um lazer de elite (COPES; SAVELI).

Ainda de acordo com as mesmas autoras, de 1997 a 2005, o Governo Federal realizou cinco campanhas voltadas à promoção do livro e da leitura, Quem lê viaja,

em 1997, Tempo de leitura, em 2001, Campanha Fome do livro, em 2004, e a Campanha Viva Leitura, em 2005.

Pode-se observar então, que existem políticas públicas voltadas à promoção do livro e da leitura no Brasil, mas o fato é: quais foram os resultados obtidos através dos mesmos? Não existem análises detalhadas do alcance e eficácia dessas ações. Percebe-se portanto que, existe uma grande necessidade de se investir primeiramente na melhoria da qualidade do ensino educacional brasileiro. Pois melhorando o ensino, isso certamente irá criar um ambiente propício à transformações políticas, sociais e sobretudo culturais que há muito urgem acontecer.

5.1.6 A leitura e a educação no Brasil: algumas reflexões

Em relação à todo o conteúdo histórico e político que já foi colocado anteriormente, pode-se afirmar que a formação do hábito de leitura só é possível por meio de um sistema educacional de qualidade, e à falta ou a fragilidade do mesmo acarreta situações adversas.

Existem quatro fatores que estão diretamente relacionados, economia, sociedade, educação e hábito de leitura. Morais observa pontos importantes em relação à realidade brasileira :

O desenvolvimento econômico exige que todos saibam ler e o façam com facilidade. Isto é exigido não só no trabalho, como também nos afazeres cotidianos. Aumenta vertiginosamente a demanda social da leitura, uma vez que a sociedade está passando por rápidas transformações e a informação se multiplica assustadoramente. A mão-de-obra necessita cada vez mais de especialização, o que implica em mais leituras e leituras mais consistentes. O desemprego aumenta na mesma proporção em que aumenta a riqueza porque já é necessário tanto trabalho para produzir os bens. A automação substitui o trabalho braçal e aumenta o nível de exigência em termos de capacidades de leitura. Daí ser alarmante o número de crianças de lares de baixa renda que não dominam a leitura e saem da escola sem estar de fato alfabetizados. Essas crianças chegam à idade adulta com dupla desvantagem: a de serem pobres e iletradas. MORAIS, 198- *apud* CALDIN, 2003, p. 53)

A economia dita as ordens, dita em que sociedade vivemos, que é a chamada sociedade da informação. Nessa sociedade, a informação é um produto, um bem comerciável, e o saber é um fator econômico, como observa Borges (2000). Se o saber é um fator econômico, a educação é imprescindível, pois é por meio dela que

se adquire as habilidades necessárias para viver, para se desenvolver, para exercer a cidadania, e para se qualificar no trabalho (BRASIL, 1988). A educação propicia a formação do hábito de leitura, e a leitura como se sabe possibilita a absorção de conhecimentos. Tendo chegado a hora de entrar no mercado de trabalho, certamente terá se adquirido o conhecimento necessário para ser um profissional competente, como ilustra a figura abaixo.

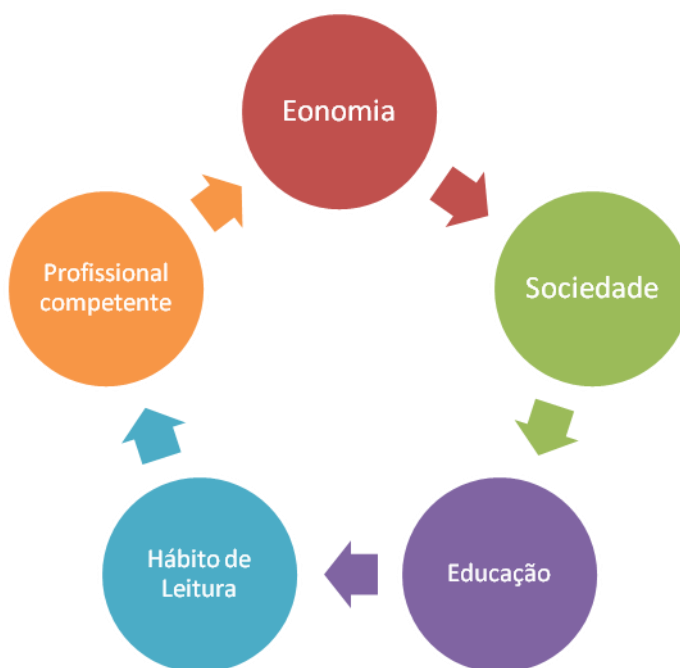


Figura 2 – Ciclo da Sociedade da Informação
Elaborada pela autora a partir da literatura lida

Em termos de realidade educacional brasileira, Garcez afirma:

Sabe-se que grande parcela da população brasileira não domina as habilidades mínimas de leitura, o que constitui uma enorme dívida social na distribuição e democratização dos bens simbólicos do país. (GARCEZ, 2008, p. 61)

De acordo com a pesquisa, *Retratos da leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pro-livro, publicada em 2008, o Índice de Analfabetismo Funcional (Inaf), medido pelo Instituto Paulo Montenegro, registrou, que o Brasil tinha, em 2007, 32% de analfabetos funcionais. na população com mais de 15 anos de idade. São

considerados analfabetos funcionais aqueles que são analfabetos absolutos, e aqueles que tem uma alfabetização precária, ao ponto de não conseguirem utilizar os instrumentos da leitura e escrita nas práticas sociais cotidianas.

De acordo com o sítio do PNUD o Brasil apresentou IDH de 0,800 enquanto o de países mais desenvolvidos ficaram em torno de 0,96 como a Islândia e a Noruega. Os dados são relativos ao relatório 2007/2008 do PNUD. Assim, o Brasil ficou em 70ª no ranking mundial de uma lista de 182 países. Não é um dos piores, pois existem países onde a desigualdade social é muito maior, porém, tendo como foco a riqueza existente em todo o território é de se perceber que a situação poderia ser outra completamente diferente.

Para Cropani (1998), citado por Rosa e Oddone (2006), existem três fatores críticos que fortalecem o hábito de leitura, ter nascido em uma família de leitores; ter passado a juventude em um sistema escolar preocupado com a prática da leitura; o preço do livro e o valor simbólico que a população atribui ao livro.

Ainda sobre a pesquisa citada anteriormente, a população estudada 172.731.959 pessoas, a partir de cinco anos de idade. Segue-se abaixo, de dados da pesquisa:

- Em relação aos não-leitores, a pesquisa verificou que são considerados não-alfabetizados 16% da amostra. Declaram-se não-leitores 48% (não leram um livro nos três meses anteriores à pesquisa). Essa proporção desce para 45% se forem considerados os que não leram um livro no ano anterior. 33% dos não-leitores são analfabetos e 37% têm até a 4ª série, faixa em que as práticas de leitura ainda não estão consolidadas.
- A maior parcela de não-leitores está entre os adultos: 30 a 39 (15%), 40 a 49(15%), 50 a 59 (13%) e 60 a 69 (11%). O número de não-leitores diminui de acordo com a renda familiar e de acordo com a classe social. Quase não há não-leitores na classe A e há apenas 1% de não-leitores quando a renda familiar é de mais de 10 salários mínimos. Isso pode levar à conclusão de que o poder aquisitivo é significativo para a constituição de leitores assíduos. (AMORIM, 2008, p. 13).

Em relação à dificuldades de leitura e alegações para a ausência de leitura, a pesquisa verificou que:

- As dificuldades de leitura declaradas configuram um quadro de má formação das habilidades necessárias à leitura, o que pode decorrer da fragilidade do processo educacional: lêem muito devagar: 17%, não compreendem o que lêem: 7%, não têm paciência para ler: 11%, não têm concentração: 7%. Todos esses problemas dizem respeito a habilidades que são formadas no processo educacional. Esses dados somam 42% do universo pesquisado. Para superar essas dificuldades, seria necessário um esforço significativo por parte do poder público na formação e aperfeiçoamento de professores de língua portuguesa e mediadores de leitura.

- As alegações para a ausência de leitura no ano anterior à pesquisa evidenciam problemas de várias ordens: falta de tempo: 54%, outras preferências: 34%, desinteresse: 19%, falta de dinheiro: 18%, falta de bibliotecas: 15%. Assim, 33% das alegações dizem respeito à falta de acesso real ao livro e 53% dizem respeito ao desinteresse pela leitura. Se considerarmos a falta de tempo uma questão de opção na organização da agenda pessoal, o índice de desinteresse pela leitura cresce muito. (AMORIM, 2008, p. 13).

Com referência as conclusões alinhadas pela pesquisa:

- Tais informações parecem configurar um ambiente em que a leitura não é socialmente valorizada, em que o livro não tem um lugar assegurado. Tanto é que 86% dos não-leitores nunca foram presenteados com livros na infância, enquanto no universo dos considerados leitores esse índice cai para 48%. Outra informação importante diz respeito às práticas familiares de leitura. Nos lares dos não-leitores, 55% nunca viram os pais lendo. Se considerarmos que a maior influência para a formação da leitura vem dos pais (principalmente das mães). No entanto, dado o quadro de que os pais dos entrevistados não têm instrução alguma (23 %), cursaram até a 4ª série do ensino fundamental (23%) ou têm fundamental incompleto (15%), enquanto as mães sem qualquer escolaridade são 26%, 22% fizeram até a 4ª série e 16% têm fundamental incompleto, torna-se muito difícil a inculcação pela família do valor da leitura.
- Os dados da pesquisa confirmam a necessária e estreita relação entre leitura e educação e, objetivamente, com a escola, primeira encarregada da alfabetização e do letramento. Esse vínculo natural torna-se imperativo num país com as desigualdades sociais nos níveis existentes em nosso país, onde a família não exerce o papel de primeira e mais importante definidora do valor da leitura. (AMORIM, 2008, p.13-14).

Sobre a importância da leitura, Hatoum observa:

A leitura adquire tal importância para o homem frente ao mundo que não é exagero afirmar que sem ela o homem não vive. Pelo menos não com intensidade. É ela quem permite ao homem tornar-se um ser político, religioso, social, intelectual, humano, assim como “é ela quem permite ao leitor a liberdade de imaginar situações, traçar relações, preencher lacunas e desvelar sentidos ocultos, podendo enfim, mediar, compreender, interpretar. (HATOUM, 2005, p. 27 *apud* MENDONÇA, 2005, p. 381)

De fato, a leitura é vital para a vivência humana, todavia observa-se na sociedade brasileira que no lar da grande maioria das crianças brasileiras, a televisão reina absoluta, muitas vezes dificultando possíveis aproximações com o livro (MEDONÇA, 2008, p. 382). Esse fato pode ser comprovado também pela pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, já citada anteriormente. A pesquisa indica que 77% do público

pesquisado gosta de assistir televisão no tempo livre. Percebe-se com isso que, hábito de leitura é uma questão de educação, isso vem de berço.

Além do agravante da quase inexistência do gosto pela leitura, Fragoso destaca:

A situação da biblioteca escolar no Brasil é reflexo do contexto em que ela tem existência, qual seja, o da educação. Portanto, não é grande surpresa a dificuldade em se obterem dados atualizados sobre essa situação - quantas escolas possuem bibliotecas, o porte de seus acervos, quais têm profissionais especializados em seu comando e daí por diante. De norte a sul do País constatamos, as escolas enfrentam inúmeras dificuldades para organizar uma biblioteca, manter - mesmo precariamente - as que existem ou ainda para tentar integrá-las no processo educacional. Com isso, milhões de alunos ficam privados de material bibliográfico, leitura e de outras fontes de informação além do próprio professor e do material didático. Em última análise, então, educandos sem acesso a uma biblioteca em sua própria escola correm mais o risco de ficar à margem de um ensino democratizado. (FRAGOSO, 2002, p. 126)

Também é oportuno citar aqui, um artigo do economista Claudio de Moura Castro, publicado na Revista Veja, em 16 de Junho de 2010, intitulado de *O judeu de Bethesda*. O artigo conta sucintamente a rotina de uma família judaica. O filho acaba de chegar do último dia de aula da escola Walt Whitman – situada em Bethesda, um bairro intelectualmente sofisticado da região de Washington (DC) - ele poderia estar sonhando com três meses livres, mas o sonho acabaria logo. Ao fim da tarde o pai chega com uma sacola de livros recém-comprados. Ele chama o filho, mostra os livros e começa a fazer o cronograma de leituras, não esquecendo a cobrança periódica do que terá sido lido. “Ler livros, glorificar livros, eis uma tradição judaica milenar. Vem de longe e não se buscam muitas explicações para isso”.

O autor segue apresentando dados de uma pesquisa, realizada por Karl Alexander da Universidade de Hopkins, somando aos 39 estudos sobre o assunto, completou uma pesquisa com alunos do ensino fundamental. A pesquisa concluiu que, das vantagens adquiridas pelos alunos mais ricos até a 9 série, dois terços advêm de **atividades de leitura mais intensas durante as férias** (CASTRO, 2010, p. 26, grifo do autor). De acordo com a secretaria de educação americana, as perdas dos mais pobres nas férias são devastadoras. Em matemática, foi possível comprovar que, durante as férias, os alunos esqueceram o equivalente a 2,6 de aula. Em outras palavras somente 2, 6 meses após recomeçarem as aulas os alunos atingem o nível de competência que tinham no último dia de aula da série anterior. Ou seja, férias são um horror para o aprendizado.

Percebe-se então que, somente a educação pode construir bons hábitos e costumes produtivos.

6 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso apresentando a seguir, foi realizado à partir de uma pesquisa exploratório-descritiva realizada em cinco escolas classes da região administrativa do Gama.

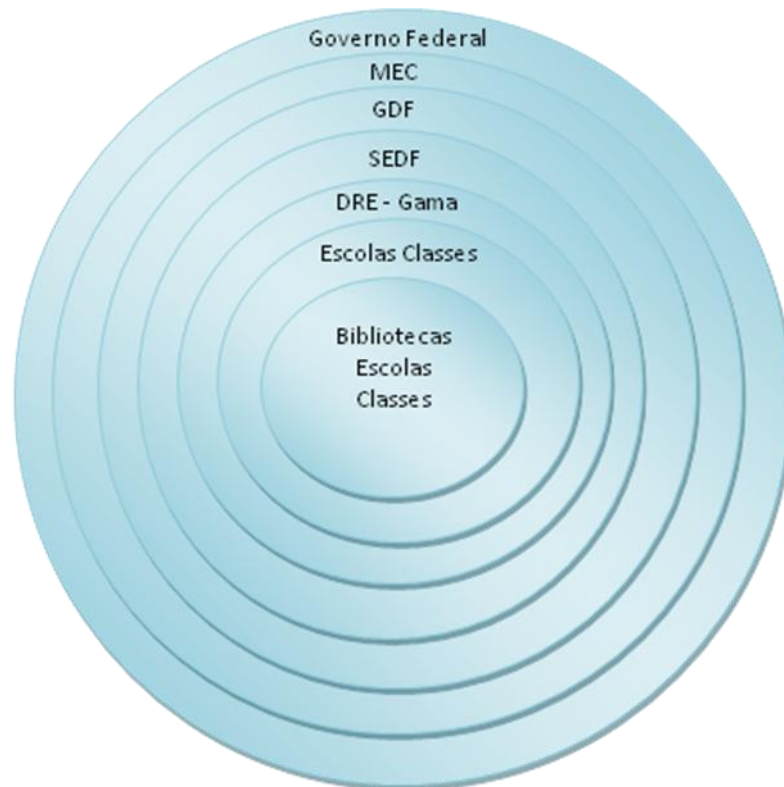


Figura 3: Contextualização sistêmica

Fonte: elaborada pela autora a partir do contexto analisado

A organização político-administrativa da República Federativa do Brasil compreende a União, os estados, o Distrito Federal, e os municípios (BRASIL, 1988).

O DF possui vinte e nove regiões administrativas (RAs). O governo do Distrito Federal é composto de 19 secretarias, dentre elas, a Secretaria de Educação (SEDF).

A educação básica é composta por três etapas: Educação básica, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Subordinadas à Secretaria de Educação do DF estão as Diretorias Regionais de Ensino (DRE). As DRE são órgãos da rede de ensino que coordenam as escolas

das regiões administrativas. Compõe esse cenário a Diretoria Regional de Ensino do Gama.

Para fins desta pesquisa, destaca-se a RA do Gama.

O Gama, RA II, foi criado através da Lei n.º 49/89 e do Decreto n.º 11.921/89, que fixou os novos limites das Regiões Administrativas do DF, e é formado por área urbana e rural. A área urbana está dividida em seis setores: Norte, Sul, Leste, Oeste, Central e de Indústria.

De acordo com informações contidas no sítio da Administração do Gama, a população da cidade era de 138.761 habitantes em 2005.

O Gama possui ao todo 49 instituições educacionais de ensino público, sendo que 30 delas são Escolas Classe. Dentre essas, foram escolhidas cinco instituições para se realizar esta pesquisa, EC 01, EC 06, EC 07, EC 12, EC 28 – foram escolhidas escolas conhecidas e que tivessem bibliotecas. Dentro dessas escolas, a 3ª série foi escolhida para aplicação dos questionários, pois é uma série intermediária, e que deveria apresentar um bom entendimento de texto e leitura.

Tem-se o total de 572 alunos de 3ª série nas cinco escolas. Desse total, foi aplicado o questionário a 229 alunos. Sendo que, de cada EC, foram escolhidas apenas duas turmas.

Questionários específicos foram aplicados respectivamente aos professores das turmas, e aos responsáveis pela biblioteca (sala de leitura), de cada escola.

7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

De acordo com a metodologia adotada nesta pesquisa, foi possível obter-se uma série de informações descritas a seguir:

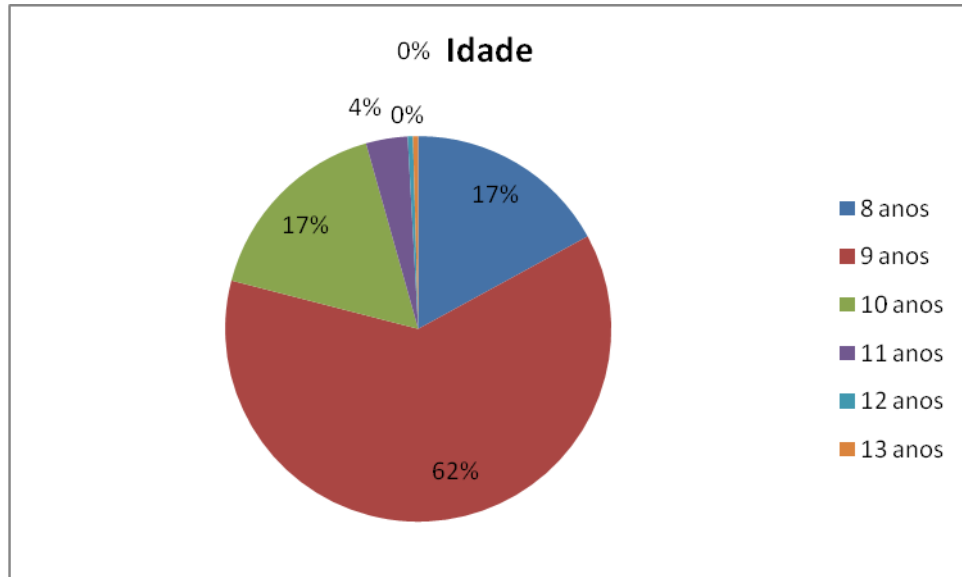


Gráfico 1: Idade

Em relação a idade dos alunos, 62 % têm 9 anos de idade; 17% respectivamente têm 8 e 10 anos, 4% têm 11 anos, e 0% têm 13 anos (apenas 1 aluno).

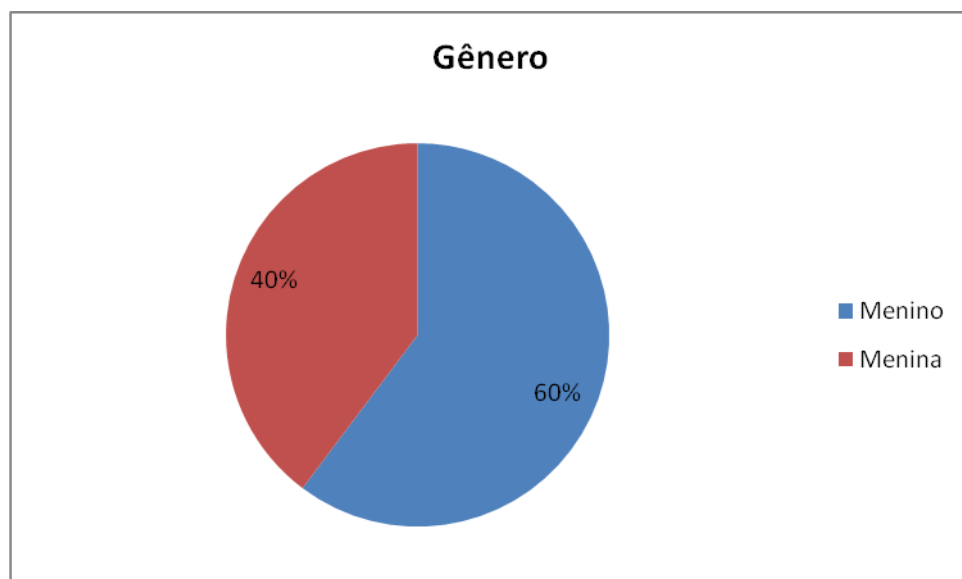


Gráfico 2: Gênero

Em relação a gênero, observou-se que 60% é do sexo masculino e 40% do sexo feminino.



Gráfico 3: Gosto pela leitura

Em relação ao gosto pela leitura, 77% dos alunos responderam que gostam de ler; 22% que não gostam; e 1% gostam mais ou menos.

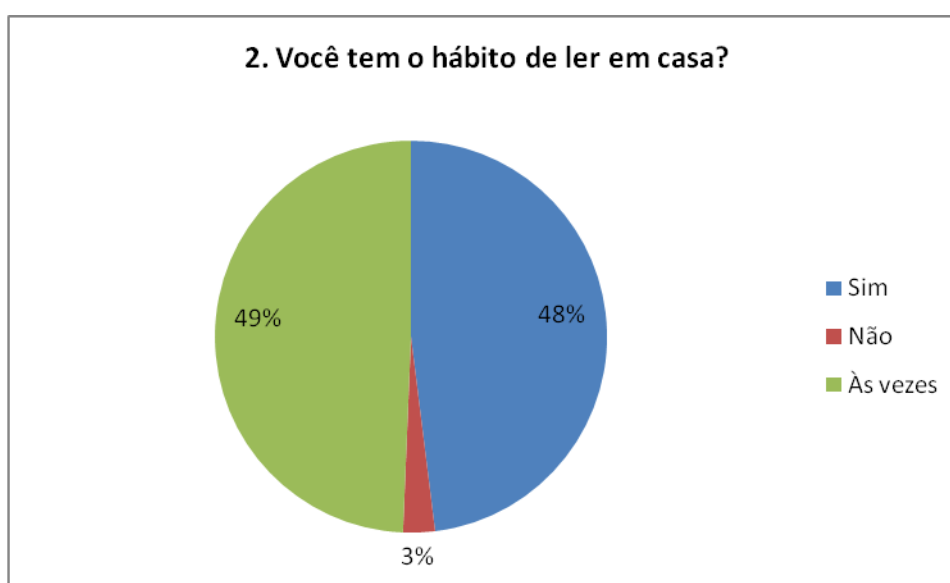


Gráfico 4: Hábito de leitura em casa

Em relação ao hábito de ler em casa, 49% responderam que lêem às vezes; 48% que lêem, e 3% responderam que não tem o hábito de ler em casa.



Gráfico 5: Tipo de leitura lida em casa

Foi questionado também na mesma pergunta, o que os alunos costumavam ler em casa, 51% afirmaram ler revista em quadrinhos; 21% respectivamente liam livros de classe e livros de literatura; e 7% declarou ter preferência por outro tipo de leitura.

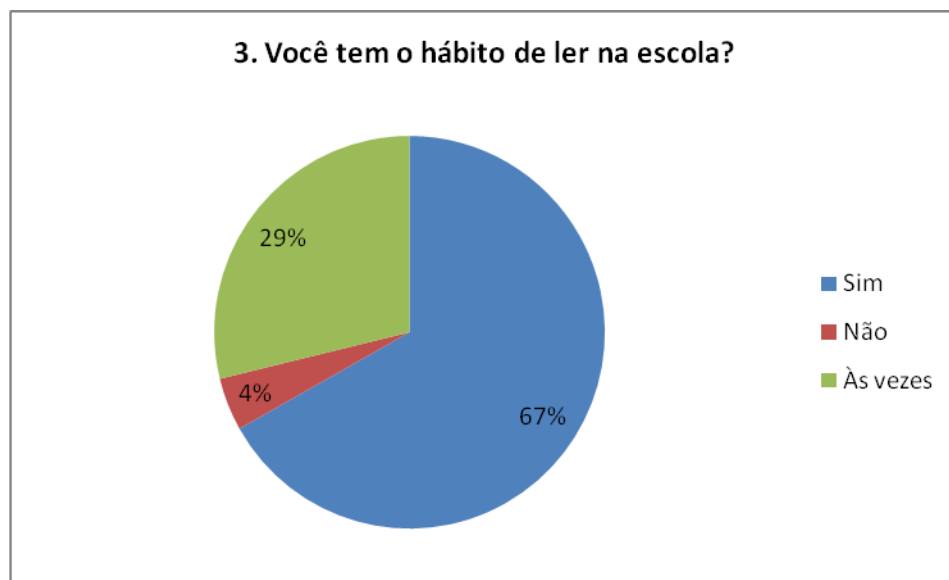


Gráfico 6: Hábito de leitura na escola

Questionou-se os alunos quanto ao hábito de ler em casa. 67% dos alunos declararam que costumavam ler em casa; 29% responderam que liam às vezes; e 4% que não liam em casa.

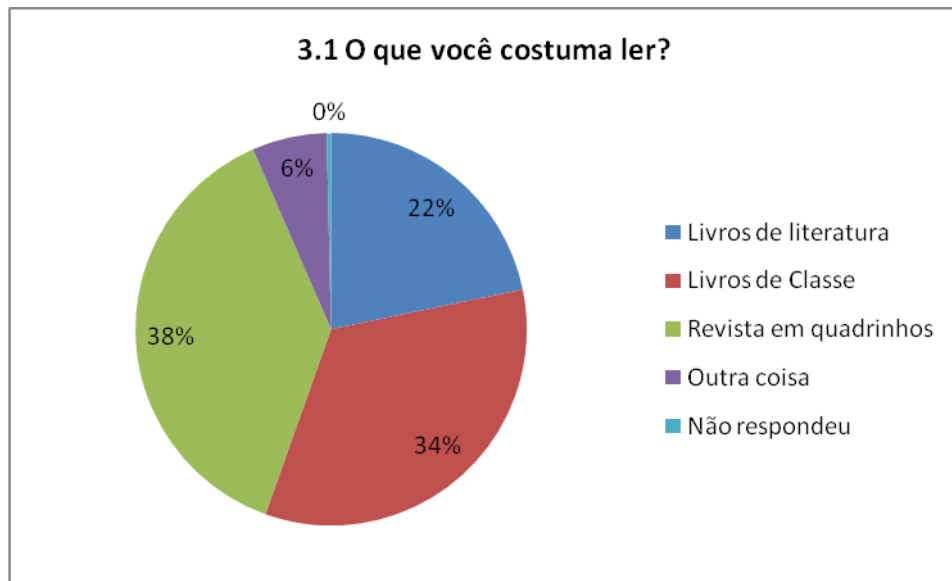


Gráfico 7: Tipo de leitura lida na escola

Em relação ao que eles lêem em casa, 34% declararam ler livros de classe; 38% declarou ler revista em quadrinhos; 22% declarou ler livros de literatura; 6% declarou ter preferência por outros tipos de leitura, como jornais, revistas, bíblia, e livros espíritas.

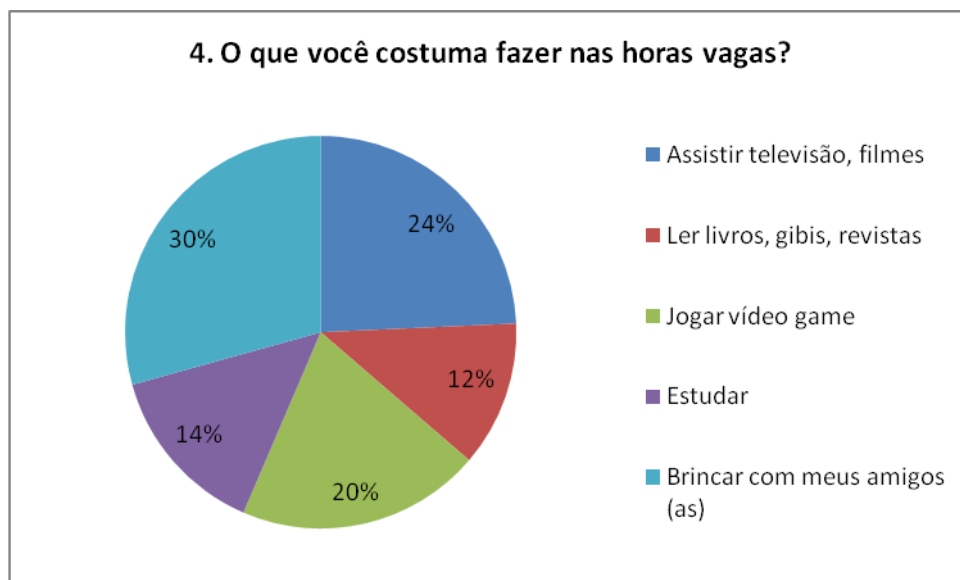


Gráfico 8: Atividades realizadas nas horas vagas

Em relação a que os alunos costumam fazer nas horas vagas, 30% dos alunos declarou que preferem brincar com os amigos; 20% declarou preferência pelo vídeo game; 24% prefere assistir televisão ou filmes; 14% preferem estudar; e 12% preferem ler livros, gibis, ou revistas.

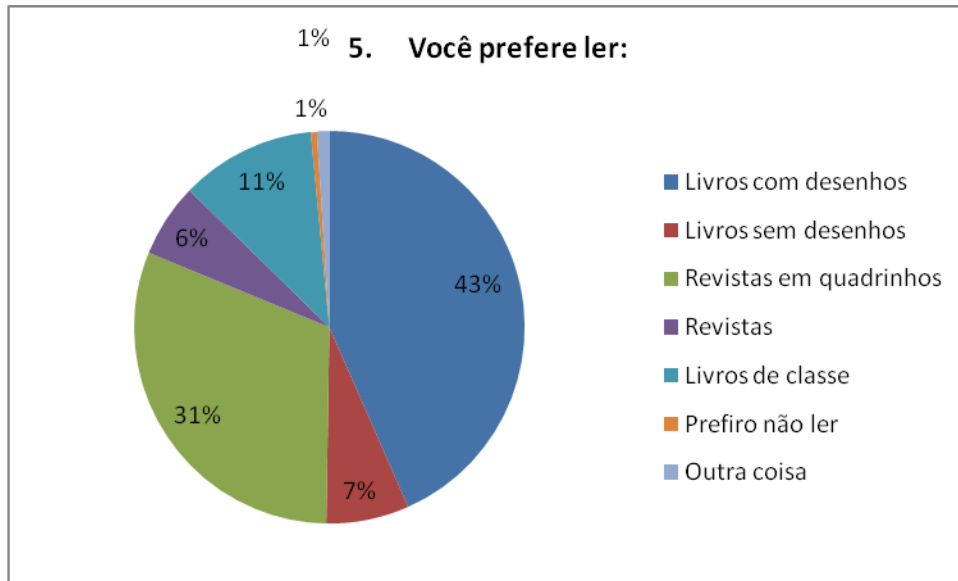


Gráfico 9: Preferência de leitura

Acerca da preferência e leitura dos alunos, 43% preferem livros com desenhos; 31% preferem revistas em quadrinhos; 11% preferem livros de classe, 7% preferem livros sem desenhos; 6% preferem ler revistas; e 1% respectivamente preferem não ler ou ler outras coisas.

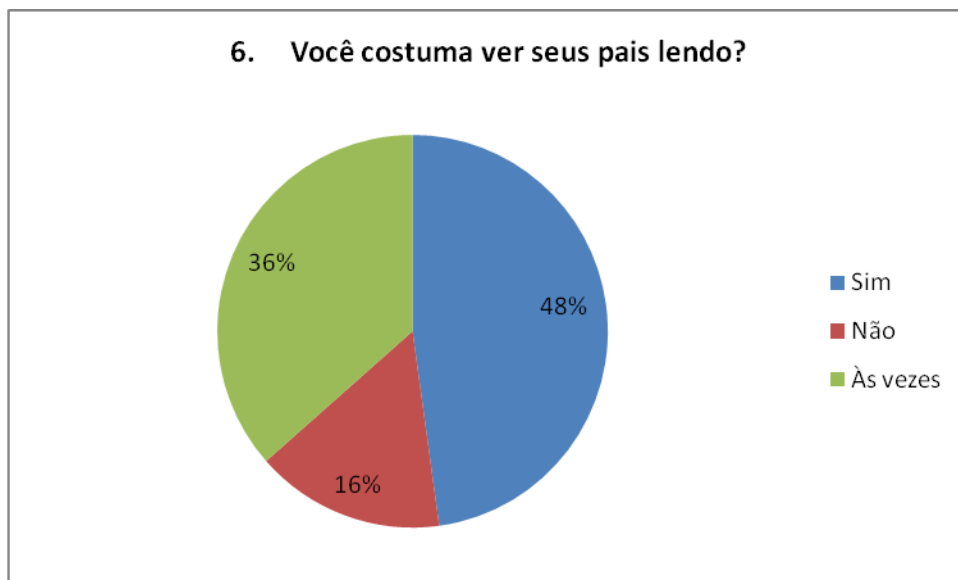


Gráfico 10: Hábito de leitura dos pais

Foi questionado aos alunos se eles costumavam ver os pais lendo, 48% declarou ver os pais lendo em casa; 36% declarou ver às vezes; e 16 % declarou que não vê os pais lendo em casa.

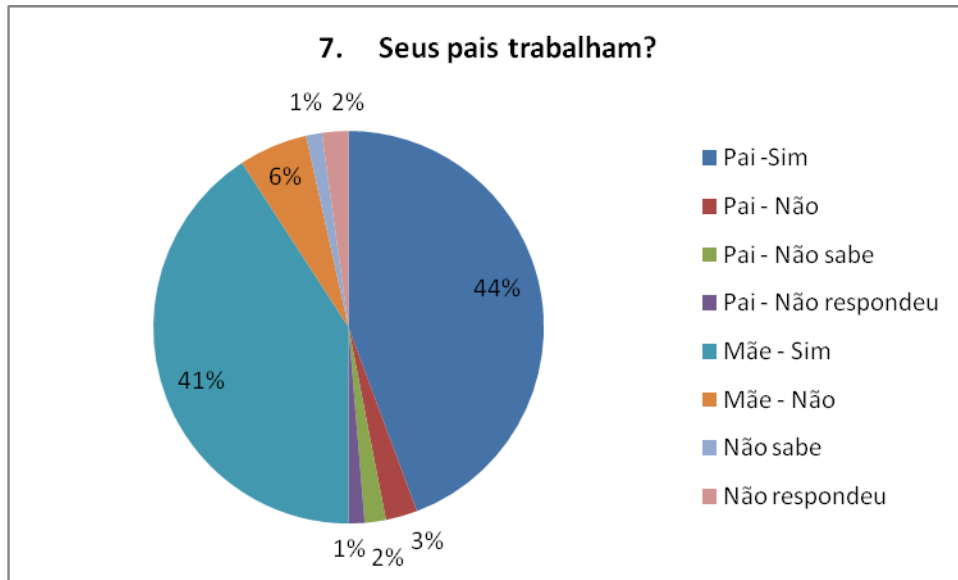


Gráfico 11: Trabalho dos pais

A questão sete, era em relação a se os pais trabalhavam, 44% dos pais e 41% das mães dos alunos trabalham; 3% e 6% não trabalham; 2% e 1% não sabe se os pais trabalham; e 1% e 2% não respondeu.

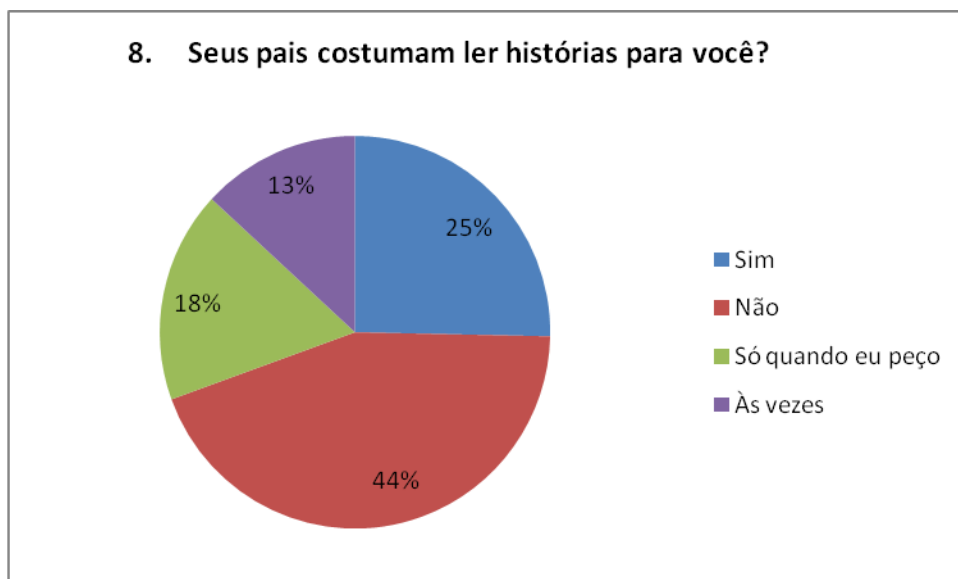


Gráfico 12: Leitura de histórias - Pais

Foi questionado também se os pais costumavam ler histórias para eles, 44% dos alunos responderam que os pais não lêem; 25% respondeu que os pais lêem; 18% respondeu que os pais só lêem quando eles pedem; e 13% dos pais às vezes lêem histórias para os filhos.

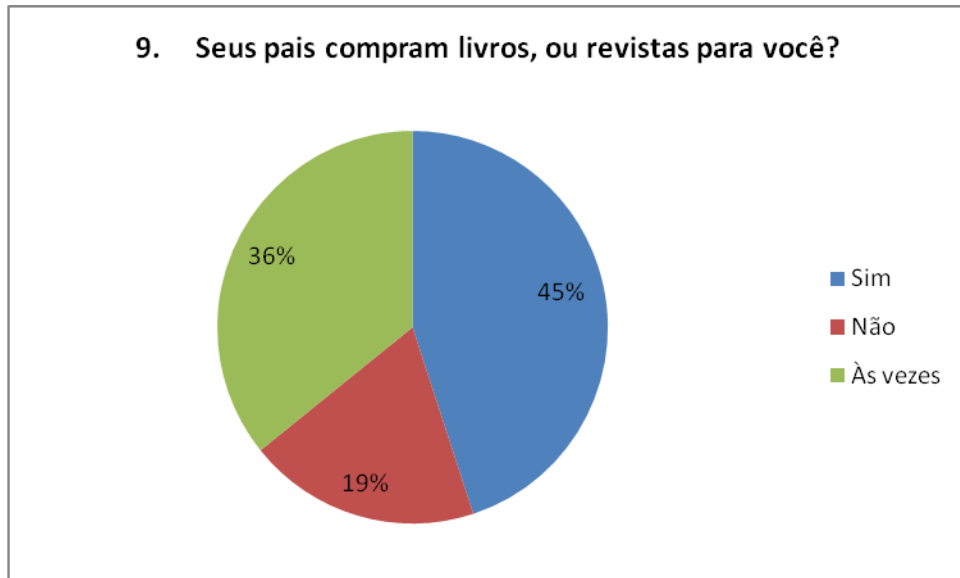


Gráfico 13: Compra de livros ou revistas – Pais

Em relação à compra de livros ou revista para os filhos, 45% dos alunos respondeu que os pais compram; 36% respondeu que às vezes os pais compram; e 19% disseram que os pais não compram livros ou revistas para eles.



Gráfico 14: Visita a alguma biblioteca

Foi questionado também se os alunos já haviam visitado alguma biblioteca fora a da escola, 51% dos alunos afirmaram não ter visitado; 27% visitaram algumas vezes; e 22% visitaram apenas uma vez.

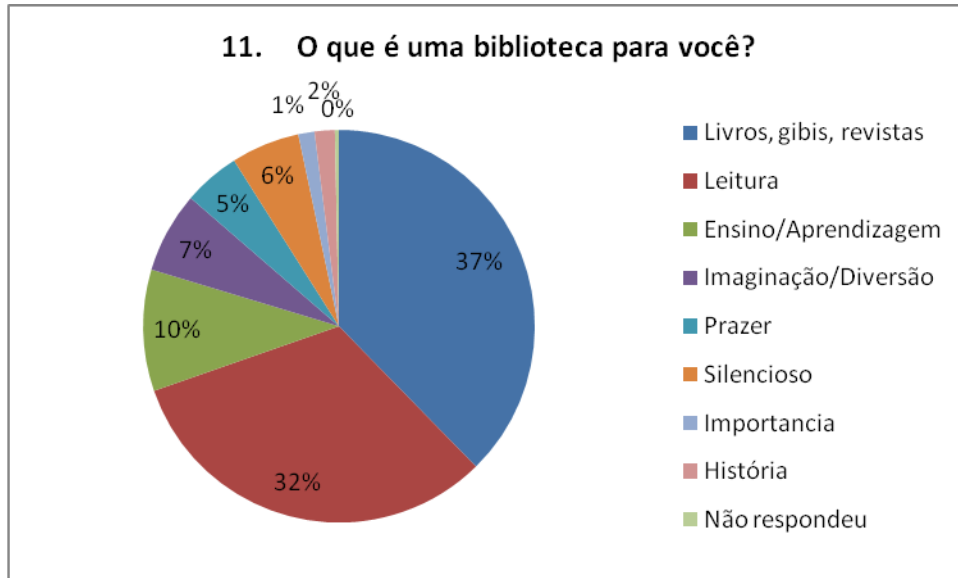


Gráfico 15: Significado da biblioteca

Em relação ao que os alunos pensam ser uma biblioteca, 37% associou à livros, gibis ou revistas; 32% à leitura; 10% ao aprendizado; 7% à diverção e imaginação; 6% ao silêncio; 5% ao prazer; 2% mencionou a importância e 1% associou à histórias.

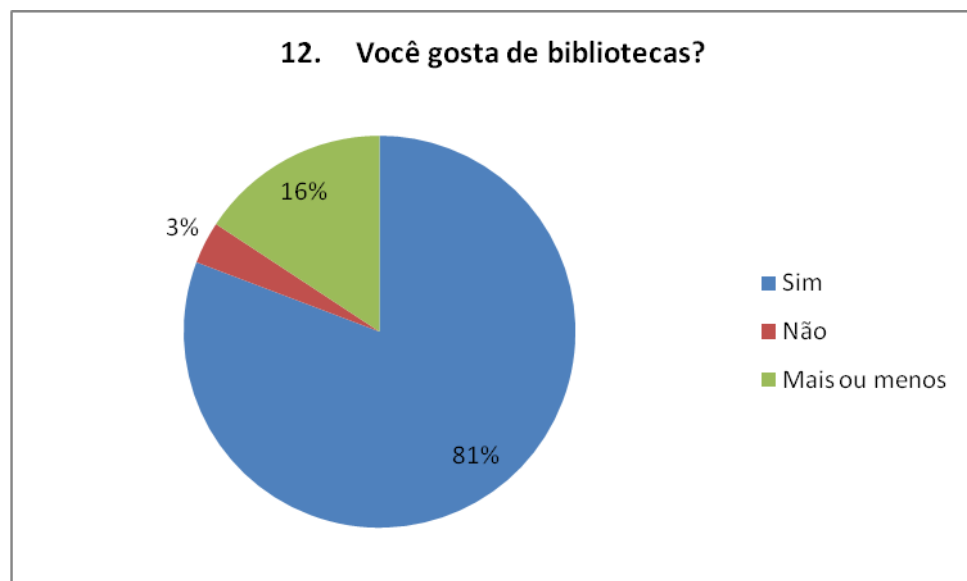


Gráfico 16: Gosto por bibliotecas

Foi perguntado aos alunos se eles gostavam de bibliotecas, 81% responderam que sim; 16% disseram que não; e 3% afirmaram gostar mais ou menos.



Gráfico 17: Sugestão de leitura pela professora

Foi questionado também se a professora sugeria leitura de livros, 72% dos alunos responderam que sim; 23% às vezes; e 5% responderam que a professora não sugeria leitura de livros.



Gráfico 18: Realização de atividades na biblioteca

Em relação à realização de atividades na biblioteca, 46% dos alunos afirmaram que a professora não realiza atividades na biblioteca; 29% afirmaram que a professora realiza; e 25% afirmaram que a professora realiza às vezes atividades na biblioteca.

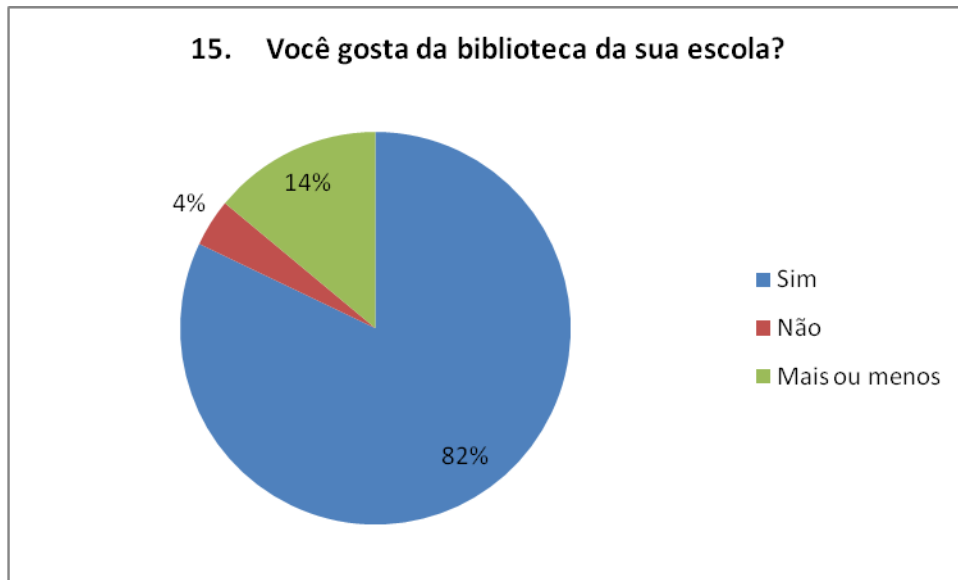


Gráfico 19: Gosto pela biblioteca da escola

Foi perguntado aos alunos se eles gostavam da biblioteca da escola, 82% responderam gostar da biblioteca; 14% responderam que gostam mais ou menos; e 4% responderam que não gostam.

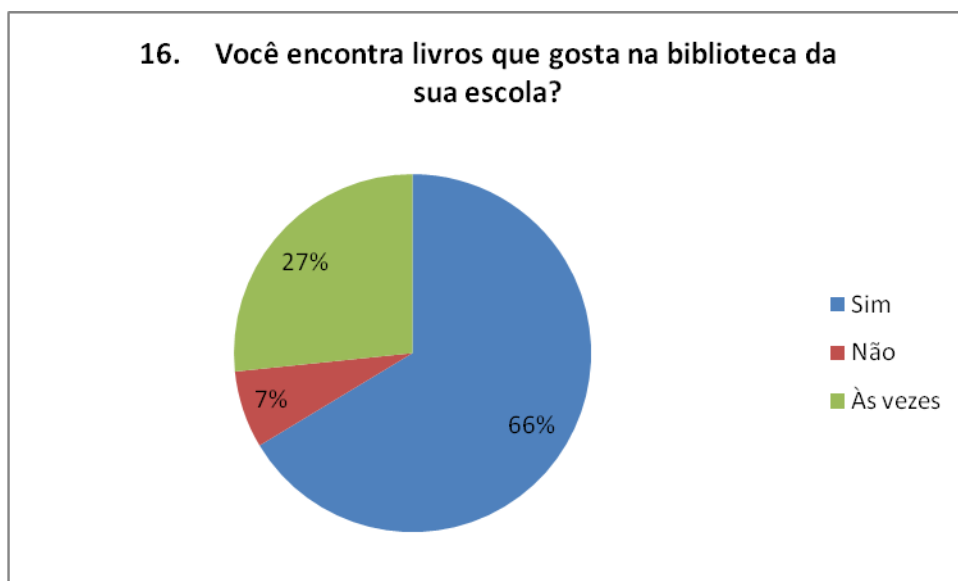


Gráfico 20: Presença dos livros que os alunos gostam na biblioteca

Em relação aos alunos encontrarem livros de sua preferência na biblioteca da escola, 66% afirmaram que encontra livros de gosta; 27% afirmaram que às vezes encontram; e 7% respondeu que não encontram os livros que gostam na biblioteca.

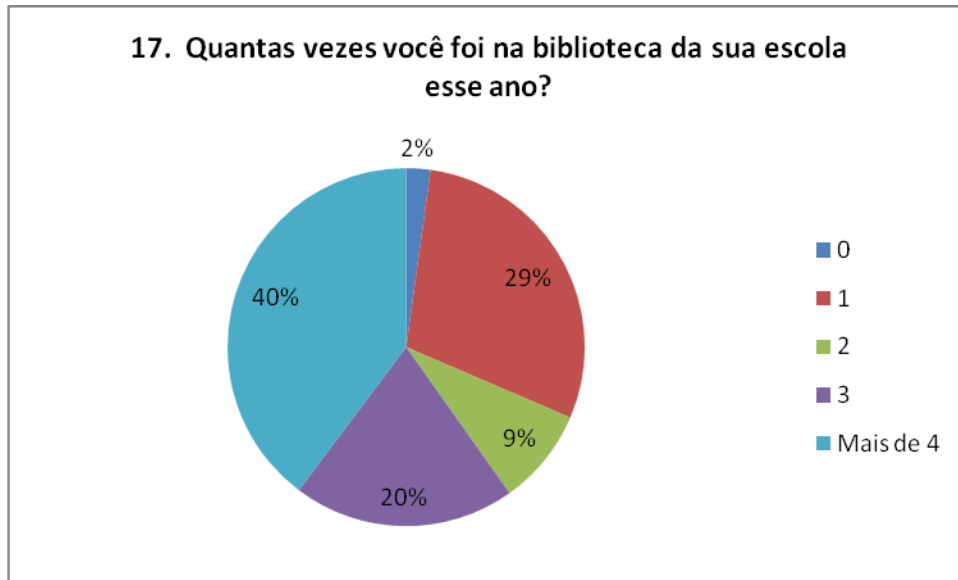


Gráfico 21: Visitas a biblioteca da escola durante o ano

Foi questionado aos alunos a quantidade de vezes que eles foram à biblioteca da escola nesse ano, 40% responderam que foram mais de 4 vezes; 20% foram mais de 3 vezes; 29% responderam que foram apenas 1 vez; 9% foram 2 vezes; e 2% não foi nenhuma vez.

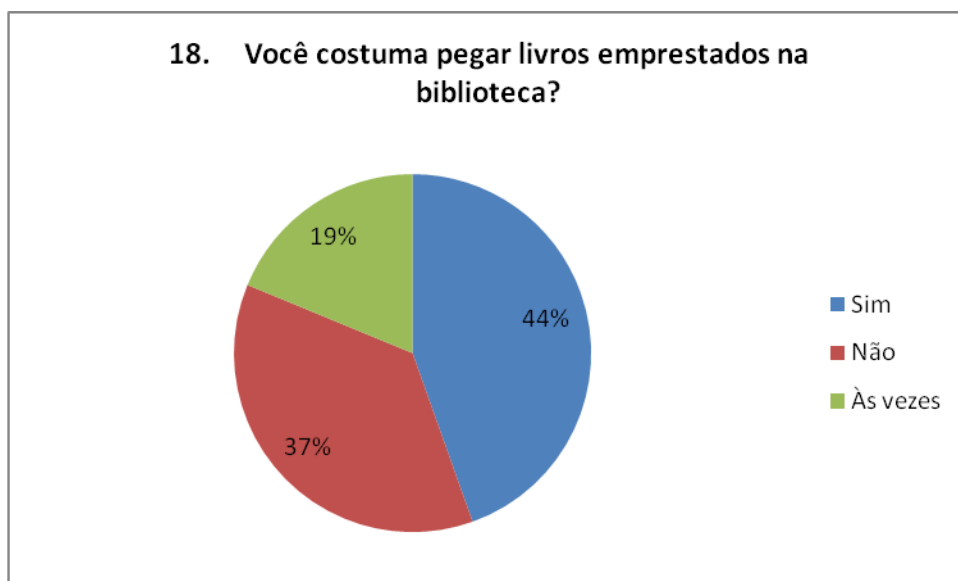


Gráfico 22: Hábito de empréstimo dos alunos na biblioteca

Em relação ao empréstimo de livros, 44% dos alunos declarou pegar livros emprestados na biblioteca da escola; 37% declarou não pegar; e 19% declarou pegar livros emprestados às vezes.

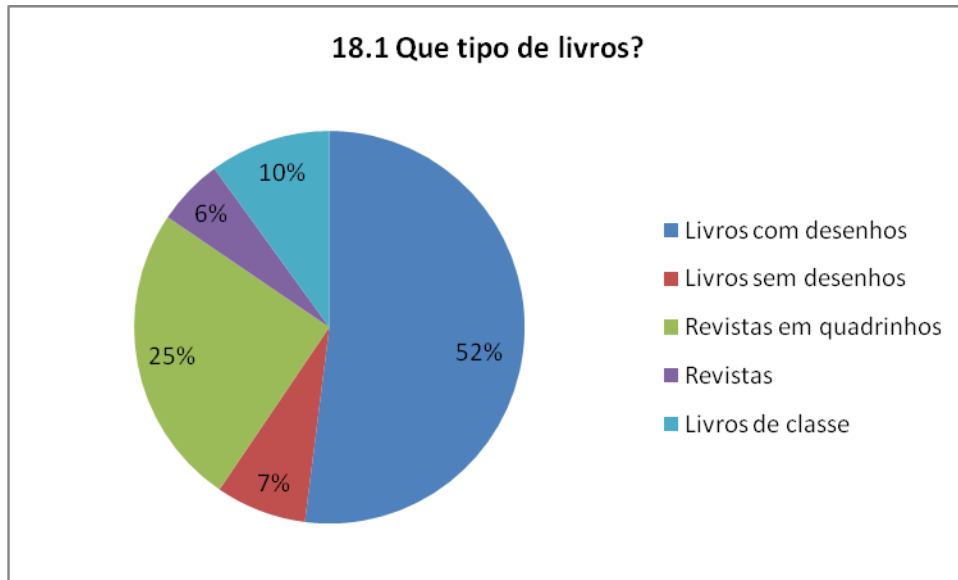


Gráfico 23: Tipo de livros que os alunos pegam emprestados

Em relação aos alunos que tomam livros emprestados na biblioteca da escola a preferência é, 52% preferem livros com desenhos; 25% preferem revistas em quadrinhos; 10% preferem livros de classe; 7% preferem livros sem desenhos; e 6% preferem revistas.

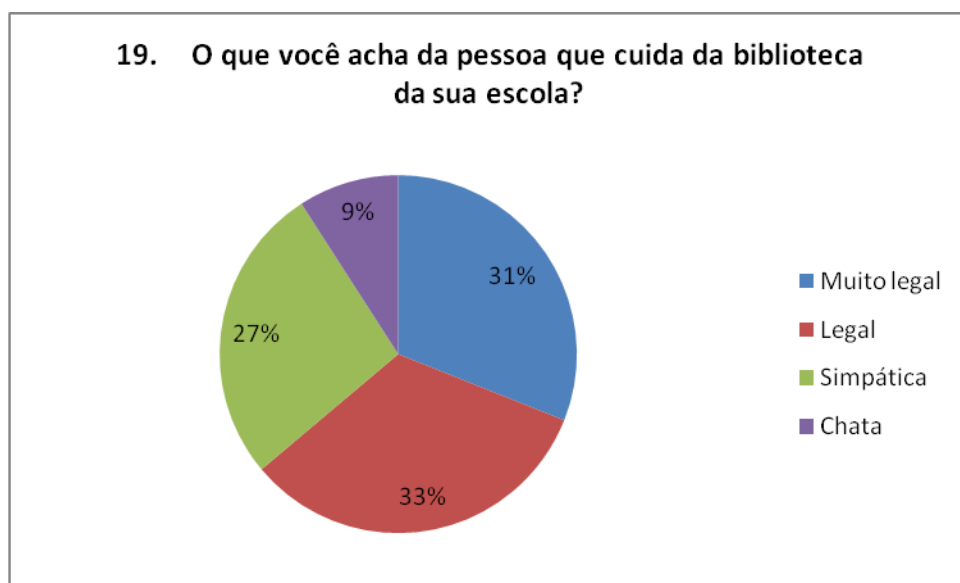


Gráfico 24: O que os alunos acham do responsável pela biblioteca

Em relação ao que os alunos acham da responsável pela biblioteca da escola, 33% afirmaram ser uma pessoa legal; 31% muito legal; 27% simpática; e 9% afirmaram ser uma pessoa chata.

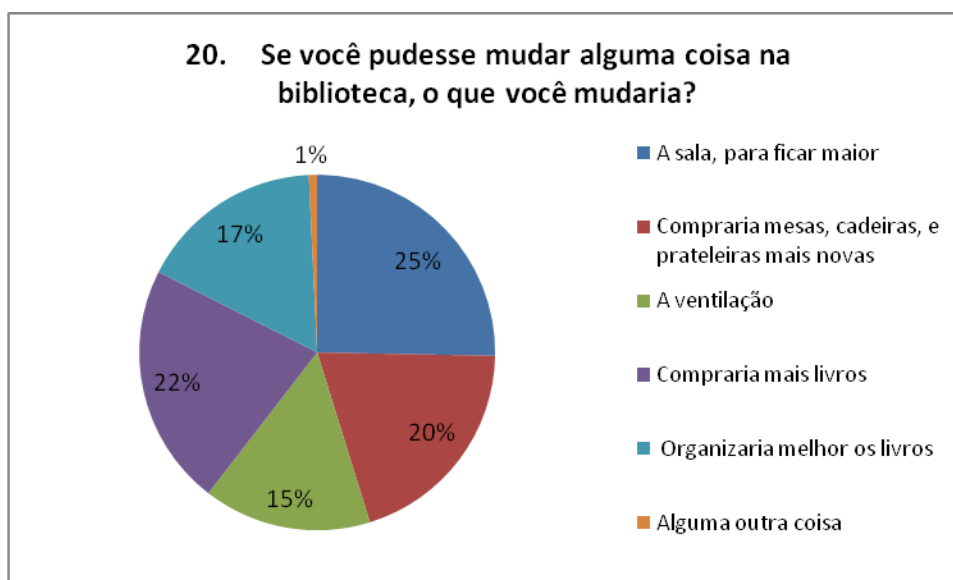


Gráfico 25: O que os alunos gostariam de mudar na biblioteca

A última questão era em relação ao que os alunos gostariam de mudar na biblioteca da escola, 25% declarou que aumentaria o tamanho da sala; 22% compraria mais livros para a biblioteca; 20% compraria mesas, cadeiras e prateleiras novas; 17% organizaria melhor os livros e 1% mudaria outra coisa, como a professora que cuida da biblioteca.

Tendo por base os resultados do questionário aos alunos, pode-se considerar que 77% dos alunos gostam de ler. 49% deles lêem em casa. 51% deles têm preferência com revistas em quadrinhos. 67% dos alunos lêem na escola. 38% dos alunos lêem revistas em quadrinhos, e 34% lê livros de classe na escola. Apenas 12% lêem nas horas vagas, e 14% estuda, ao passo que 30% dos alunos brincam com os amigos, 24% assiste televisão ou filmes, e 20% joga vídeo game. 43% dos alunos preferem ler livros com desenhos, e 31% prefere revistas em quadrinhos.

Em relação aos alunos verem os pais lendo, 48% afirmaram que veem, e 36% às vezes. Sobre o trabalho dos pais, 44% dos pais, e 41% das mães trabalham. Em relação ao hábito dos pais de contarem histórias para os seus filhos, 44% dos pais não têm esse hábito. Sobre a compra de livros para os filhos, 45% dos pais compram livros ou revista para seus filhos. Em relação a visitas a bibliotecas, 51%

dos alunos nunca visitou uma biblioteca sem ser a da sua escola, o que demonstra que os pais não tem interesse por esse tipo de atividade. Sobre o significado da biblioteca para os alunos, 37% deles relacionaram o significado de biblioteca à livros, gibis e revistas, 10% à ensino e aprendizagem, e apenas 1% dos alunos citou a importância das bibliotecas em suas respostas.

Em relação ao gosto por bibliotecas, 81% afirmaram que gostam. Sobre a realização de atividades na biblioteca da escola, 72% dos alunos afirmaram que a professora sugere leitura de livros, e apenas 46% afirmou que a professora realiza atividades na biblioteca da escola. Sobre o gosto pela biblioteca da escola, 82% deles afirmaram que gostam. Em relação a presença de títulos que os alunos gostam, 66% deles afirmaram que encontram livros que gostam nas bibliotecas de suas escolas.

Apenas 40% dos alunos foi mais de quatro vezes na biblioteca da escola esse ano, o que não é um bom sinal. Mas 44% deles pegam livros emprestados na biblioteca. 33% deles acham legal a pessoa responsável pela biblioteca, seguidas muito legal (31%), de simpática (27%), e chata (9%).

Em relação às mudanças que eles fariam na biblioteca se pudessem. 25% gostaria de ter uma sala maior; 22% gostaria que a biblioteca tivesse mais livros disponíveis; 20% mudaria as mesas, cadeiras e prateleiras; 17% gostaria de ter livros mais organizado; e 15% gostaria de um local mais ventilado.

A tabela abaixo refere-se às informações coletadas através dos questionários aplicados aos professores das cinco Ecs, ao todo foram 10 professoras.

Tabela 1: Professores Ecs (idade, gênero, formação, gosto pela leitura, hábito de leitura, tipo de leitura habitualmente realizada)

Idade	
20 a 29	1
30 a 39	7
40 a 49	2
Gênero	
Feminino	10
Formação	
Cusando graduação	1
Graduação	6
Pós-graduação	1
Especialização	2

1. Você gosta de ler?	
Sim	8
Não	
Mais ou menos	2
2. Você tem o hábito de ler?	
Sim	9
Não	
Mais ou menos	1
3. O que você costuma ler?	
Livros de literatura por prazer	6
Livros didáticos para preparar aula	8
Livros para ajudar no desenvolvimento do meu trabalho	8
Jornais, revistas, e sites para me manter informado ou entretenimento	9
Outro	3

Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Em relação a faixa etária, duas professoras apresentaram entre 30 e 39 anos de idade; duas entre 40 e 49 anos e uma entre 20 e 29. Todas são do sexo feminino. Em relação à formação, seis possuem nível superior; duas especialização; uma está cursando nível superior e a outra pós-graduação.

Em relação ao gosto pela leitura, oito professoras declararam gostar de ler e duas gostam mais ou menos. Sobre o hábito de leitura, nove delas afirmaram ter o hábito de ler e uma tem mais ou menos. Em relação ao que elas costumam ler, nove declararam que lêem jornais, revistas, e sites para se manterem informadas; oito lêem livros didáticos para prepararem as aulas; oito lêem livros para ajudar no desenvolvimento do trabalho; seis lêem livros de literatura por prazer e três lêem outro tipo de leituras, como livros em inglês e francês.

Tabela 2: Professores (planejamento de atividades, estrutura da biblioteca)

4. Você participa do planejamento de atividades da biblioteca/ sala de leitura?	
Sim	4
Não	6
5. Em relação ao seu trabalho como professor, você considera a biblioteca/ sala de leitura:	
Muito importante	8
Importante	7
Pouco importante	
Irrelevante	
6. Em relação às atividades desenvolvidas com os alunos, a biblioteca/ sala de leitura é:	
Bem equipada	3

Deficiente	7
7. Em relação às atividades desenvolvidas com os alunos, a biblioteca/ sala de leitura é:	
Adequado à leitura	3
Adequado às atividades extra-classe	6
Inadequado à leitura	6
Inadequado às atividades extra-classe	6
Bem iluminado	3
Mal iluminado	5
Bem ventilado	4
Mal ventilado	4

Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Sobre a participação no planejamento das atividades da biblioteca/sala de leitura, seis afirmaram não participar ao passo que quatro afirmaram participar.

Em relação ao trabalho como professora, oito consideraram a biblioteca/ sala de leitura muito importante e sete importante.

Sobre a estrutura da biblioteca/sala de leitura, sete entre as dez professoras declaram que era deficiente, ao passo que três declararam ser bem equipada.

Em relação às atividades desenvolvidas com o alunos, seis professoras afirmaram que a biblioteca era inadequada à leitura; seis afirmaram que era inadequada à leitura; seis afirmaram ser adequada às atividades extra-classe; seis afirmaram ser inadequada às atividades extra-classe; cinco afirmaram ser mal iluminada; três bem iluminada; quatro bem ventilada e quatro mal ventilada.

Tabela 3: Professores (atuação dos formadores do hábito de leitura, contribuição do professor, presença do bibliotecário)

8. Tendo em vista que os maiores influenciadores na formação do hábito de leitura nas crianças são: a escola, a família e a biblioteca, como você considera dentro do seu atual contexto a atuação dessas três instituições?	
Família	
Excelente	
Boa	
Suficiente	1
Insuficiente	9
Ruim	
Escola	
Excelente	
Boa	6
Suficiente	4
Insuficiente	
Ruim	
Biblioteca	

Excelente	
Boa	6
Suficiente	1
Insuficiente	3
Ruim	
9. Em relação à sua contribuição na formação do hábito de leitura, como você a considera?	
Excelente	7
Boa	3
Suficiente	
Insuficiente	
Ruim	
10. Você considera que a presença de um Bibliotecário dentro dessa escola faria diferença? Justifique	
Sim	10
Não	

Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Sobre a atuação das três instituições formadoras do hábito de leitura – família, escola, biblioteca - nove entre as dez professoras consideraram a atuação família insuficiente e apenas uma considerou suficiente; em relação à escola seis professoras consideraram boa, e quatro suficiente; em relação à biblioteca seis consideraram boa; três insuficiente e uma suficiente.

Em relação à contribuição de cada uma delas na formação do hábito de leitura, sete consideraram excelente e três consideraram boa.

Sobre a presença do Bibliotecário na escola todas elas consideraram que faria diferença.

Tendo por base os resultados do questionário aplicado aos professores, é possível considerar que elas gostam de ler (8). Em relação ao hábito de leitura, nove delas afirmaram ter o hábito de ler. Em relação ao tipo de material que lêem: nove lêem jornais, revistas e sites para se manterem informadas; oito lêem livros didáticos para ajudar no desenvolvimento do trabalho; oito lêem livros para ajudar no desenvolvimento do trabalho; e apenas 6 delas lêem livros por prazer.

Em relação à importância da biblioteca para o desenvolvimento de cada uma, oito professoras consideram a biblioteca muito importante para o seu trabalho. Sobre a estrutura da biblioteca, sete delas consideram a biblioteca deficiente; seis a consideram inadequada à leitura e às atividades extra-classe; cinco a consideram mal iluminada e quatro bem iluminada; quatro a consideram bem ventilada e quatro mal ventilada; e três a consideram adequada à leitura.

Em relação à atuação as três instituições formadoras do hábito de leitura, as professoras consideraram que, a família é insuficiente (nove); a escola é boa (seis), e a biblioteca é boa (seis), apenas uma professora considerou que a biblioteca; e insuficiente. Em relação à contribuição de cada professora para a formação hábito de leitura, sete delas consideraram excelente e 3 consideraram boa.

A última questão era referente à presença do bibliotecário na escola, se ele faria diferença ou não. As dez professoras responderam que sim, pois consideraram que ele seria o profissional ideal para tal tarefa.

O quadro abaixo refere-se às informações coletadas através dos questionários aplicados aos responsáveis pelas bibliotecas das cinco Ec. Ao todo foram cinco responsáveis.

Tabela 4: Responsáveis pelas bibliotecas (idade, gênero, função, formação)

Idade	
40	1
42	1
46	1
49	2
Gênero	
Feminino	5
Função	
Professora	3
Servidora Administrativo	1
Servidora Porteira	1
Formação	
Curso técnico	1
Superior incompleto	1
Graduação	3
Pós-graduação	
Especialização	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Em relação à idade duas apresentam 49 anos e três apresentam 40, 42 e 46 respectivamente. Todas são do sexo feminino. Em relação a função primaria de cada uma, três são professoras, e duas duas são respectivamente da área administrativa, e porteira. Em relação à formação, três apresentam nível superior; duas especialização; uma superior incompleto e outra curso técnico.

Tabela 5: Responsáveis pelas bibliotecas (gosto pela leitura, motivo pelo qual trabalha na biblioteca, hábito de leitura, tipo de leitura habitualmente realizada, gosto pela biblioteca)

1. Você gosta de ler?	
Sim	5
Não	
Mais ou menos	
2. O motivo pelo qual você trabalha na sala de leitura é:	
Sou servidora readaptada por problema de saúde	3
Sou servidora readaptada	2
Sou servidora concursada e apta para atuar na sala de leitura	
3. Você tem o hábito de ler?	
Sim	5
Não	
Mais ou menos	
4. O que você costuma ler?	
Livros de literatura por prazer	3
Livros para ajudar no desenvolvimento do meu trabalho	4
Livros infantis para ajudar no desenvolvimento do trabalho	5
Jornais, revistas, e sites para me manter informado	3
Outro	
5. Você gosta de trabalhar na biblioteca/sala de leitura?	
Sim	5
Não	
Mais ou menos	

Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Sobre o gosto pela leitura, cinco afirmaram gostar de ler. Em relação ao motivo pelo qual as servidoras estavam na biblioteca, três são servidoras readaptadas por problemas de saúde e duas eram servidoras readaptadas. Sobre o hábito de leitura, as cinco declararam ter o hábito de ler.

Em relação ao tipo de leitura que elas costumam ler, cinco afirmaram ler livros infantis para ajudar no desenvolvimento do trabalho; quatro lêem livros para ajudar no desenvolvimento do trabalho; três lêem livros de literatura por prazer e três lêem jornais, revistas, e sites para se manterem informadas, ou para o entretenimento.

Em relação a satisfação de trabalhar na biblioteca, todas declararam gostar de trabalhar na biblioteca.

Tabela 6: Responsáveis pelas bibliotecas (auxílio no trabalho, planejamento, freqüência dos alunos, componentes do acervo, incentivo a leitura)

6. Alguém te auxilia no trabalho?	
Sim	1
Não	3
Às vezes	1
7. É realizado um planejamento de atividades para a sala de leitura?	
Sim	4
Não	
Às vezes	1
8. A biblioteca é bem freqüentada pelos alunos?	
Sim	5
Não	
Mais ou menos	
9. Quais os componentes do acervo?	
Livros infantis de literatura	5
Livros didáticos	5
Livros de literatura para professores	3
Dicionários	5
Enciclopédias	5
Revistas em quadrinhos	5
Revistas	4
TV	5
Datashow	3
DVD	4
Filmes	5
Mapas	5
Computadores com internet	
Computadores sem internet	5
10. Há incentivo à leitura?	
Sim	3
Não	
Mais ou menos	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Em relação à existência de outro funcionário na escola que auxilie nas atividades da biblioteca, três afirmaram que não recebem ajuda; uma afirmou que existe uma funcionaria que a auxilia.

Sobre a realização do planejamento de atividades, quatro realizam e uma realiza às vezes.

Em relação à frequência dos alunos na biblioteca, todas afirmaram que a biblioteca é bem freqüentada.

Sobre os componentes do acervo, as cinco bibliotecas possuem livros infantis de literatura, livros didáticos; dicionários, enciclopédias, revistas em quadrinhos, TV, filmes, mapas e computadores sem internet; três delas possuem livros de literatura para professores; 4 delas possuem revistas e DVD e três delas possuem data-show.

Sobre o incentivo ao hábito de leitura da biblioteca com os alunos, três delas afirmaram existir e duas mais ou menos.

Tabela 7: Responsáveis pelas bibliotecas (cooperação, atividades da biblioteca, realização da função da biblioteca, interesse dos alunos pelo livro e leitura, presença do bibliotecário)

11. Existe cooperação entre você e os professores em relação ao planejamento de atividades?	
Sim	3
Não	2
Mais ou menos	
12. Quais são as atividades realizadas pela biblioteca/sala de leitura?	
Hora do conto	4
Empréstimos de livros	5
Ficha literária	1
Teatro	3
Leituras individuais	5
Rodas de leitura	4
Filmes	3
Concursos	1
13. Tendo em vista que a principal função de uma Biblioteca Escolar/ Sala de leitura é dar suporte ao processo ensino aprendizagem, e incentivar à leitura, você considera que a sala de leitura tem cumprido sua função?	

Sim	3
Não	
Mais ou menos	2
14. Você identifica interesse nos alunos em à biblioteca sala de leitura, aos livros, e à leitura?	
Sim	4
Não	
Mais ou menos	1
15. Você considera que a presença de um Bibliotecário dentro dessa escola faria diferença? Justifique	
Sim	3
Não	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Em relação à colaboração dos professores quanto ao planejamento de atividades da biblioteca, três declararam que existe colaboração e duas mais ou menos.

Sobre as atividades realizadas pela biblioteca, cinco delas realizam empréstimos de livros e leituras individuais; quatro delas realizam hora do conto e rodas de leitura; três delas realizam teatro e exibição de filmes; uma realiza ficha literária e outra realiza concursos.

A função de uma Biblioteca Escolar/ Sala de leitura é dar suporte ao processo ensino aprendizagem, e incentivar à leitura, três delas afirmaram estar cumprindo sua função e duas afirmaram estar cumprindo mais ou menos.

Em relação à identificação de interesse nos alunos quanto à biblioteca, aos livros e à leitura, quatro declararam identificar nos alunos interesse e uma declarou identificar mais ou menos.

Sobre a presença do Bibliotecário na escola, três afirmaram que faria diferença, ao passo que duas afirmaram que não faria diferença, pois já desempenham bem essa função.

Tendo por base os resultados do questionário aplicado aos responsáveis pela biblioteca é observar que 3 delas são professoras readaptadas por problemas de saúde, e 2 são servidoras readaptadas. 3 delas possuem nível superior; 2 especialização; 1 curso técnico em Enfermagem, e a outra está cursando nível superior em Serviço Social.

Sobre o gosto pela leitura, cinco delas gostam de ler. Elas lêem livros infantis para ajudar no desenvolvimento do trabalho (cinco); livros para ajudar no trabalho

(quatro); livros de literatura por prazer (três); jornais, revistas e sites para se manterem informadas (três).

As cinco gostam de trabalhar na biblioteca, e uma delas até declarou que “trabalhando aqui eu tenho mais tempo para estudar para minha faculdade porque aqui é mais tranquilo”.

Das cinco escolas, em três delas ninguém auxilia no trabalho da biblioteca, em uma delas ajudam, e na outra às vezes. Quatro delas realizam planejamento de atividades para a biblioteca, e uma delas às vezes. As cinco afirmaram que a biblioteca é bem freqüentada pelos alunos, o que é um bom sinal.

Em relação ao acervo, todos eles possuem livros infantis, livros didáticos, dicionários, enciclopédias, revistas em quadrinhos, televisão, filmes, mapas e computador sem internet. Quatro bibliotecas possuem DVD; três possuem literatura para professores e funcionários e data-show. Foi perguntado à elas se existiam alguma verba fixa destinada à escola por parte do governo sendo exclusiva para a biblioteca, todas elas afirmaram que não, e que o governo mandava uma verba apenas para elas comprarem livros na feira do livro, mas que nem era sempre também. Pode-se observar que a maioria das conquistas das bibliotecas se deve à contribuição financeira dos membros da escola, e muito mais da responsável pela biblioteca.

Em relação ao incentivo da biblioteca para a leitura, três delas afirmaram que existe e duas que não. Três delas afirmaram que os professores colaboram com o trabalho. Quanto às atividades realizadas: nas cinco bibliotecas elas realizam o empréstimo de livros e leituras individuais; em quatro delas realizam a hora do conto e rodas de leitura; três delas realizam teatro e passam filmes para os alunos; e em apenas uma delas respectivamente se realiza ficha literária e concurso.

Três das responsáveis pela biblioteca afirmaram que a sua biblioteca realizava a função de “dar suporte ao processo ensino aprendizagem, e incentivar à leitura”, e duas delas cumprem mais ou menos.

Quatro delas afirmaram perceber nos alunos interesse em relação ao livro, leitura e biblioteca. Em relação à presença do bibliotecário dentro da escola, três delas afirmaram que não fazia diferença, pois elas já realizam muito bem essa função, e apenas duas delas afirmaram que fazia sim diferença. E uma dessas que afirmou que sim, foi a que mais demonstrou interesse pela biblioteca. A biblioteca da escola

dela só funcionava à três meses na época da pesquisa, mas era muito organizada, e ela corria muito atrás de recursos para colocar na biblioteca.

8 CONCLUSÃO

No mundo globalizado de hoje, com a tecnologia que estabelece comunicação fácil entre diferentes culturas, pode-se constatar também além dos benefícios, a persistência de desigualdades sociais, em meio a toda a diversidade humana. Nesse contexto, a informação assume um valor estratégico no desenvolvimento de nações e indivíduos no mundo inteiro.

Visto que, a informação é um produto, um bem comerciável, e o saber é um fator econômico (BORGES, 2000), e que conforme citado anteriormente, na sociedade do conhecimento, a informação é geradora de capital, mercado e trabalho no mundo (SALES, 2004, p. 2), a leitura – tanto a informacional como a recreativa - torna-se essencial na vida de qualquer ser humano, permitindo a geração de conhecimento, proporcionando liberdade à imaginação, e estimulando a cidadania. Diante disso, é preciso que as pessoas competentes para a tarefa – governo, sociedade, professores, bibliotecários, bibliotecas escolares e públicas - façam a sua parte na formação do hábito de leitura da sociedade brasileira.

Em relação ao governo, e às políticas públicas muito já foi realizado em favor do livro e da leitura, por parte do governo e de outras organizações, mas percebe-se uma descontinuidade das ações, e a escassez de acompanhamento competente. Não basta apenas sancionar leis, ou liberar verbas para os programas e planos, é preciso que se realizem supervisões contínuas.

Foi uma grande conquista a lei n 12. 244 de 24 de maio de 2010 para a sociedade brasileira, pois ela torna obrigatória a presença de bibliotecas em todas as escolas do país, o que pressupõe a presença do bibliotecário.

É preciso que haja uma melhoria na qualidade do ensino, para que os alunos que tenham acesso a este, tornem-se capazes de concorrer de igual para igual quando chegarem à idade adulta. É preciso investir na formação continuada de professores, como também dar uma maior valorização a esta classe.

O governo precisa criar maneiras de fiscalizar como os recursos passados para escolas estão sendo utilizados. Pois as cinco responsáveis pelas salas de leituras das cinco escolas, afirmaram não sobrar nenhum recurso para ser investido nas salas de leitura. E já que o livro e a leitura são tão importantes na formação das

crianças, deveria existir uma verba fixa a ser destinada somente para as salas de leitura das escolas, e não para a escola como um todo.

Espera-se que de fato seja cumprida a lei 12.244 que visa a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino em todo o país, pois isso será uma grande conquista tanto para as crianças como para bibliotecários, professores, e sociedade em geral. O reflexo disso virá no futuro.

É imprescindível também que se invista nas bibliotecas públicas das regiões administrativas do DF que já existem. E também que seja inaugurada uma em cada RA, com capacidade para atender a população, com equipamentos e conteúdos adequados, com bibliotecário e funcionários competentes e conscientes da importância da mesma para a população.

É indispensável que se criem parcerias entre o governo, empresas privadas, organizações não-governamentais (Ongs), para que todos possam batalhar juntos em prol do mesmo propósito.

Como afirma Bamberguer:

O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera da cultura geral e esforços conscientes da educação e bibliotecas públicas. (BAMBERGUER, 1987, p. 92)

Como foi dito acima, o hábito de leitura começa no lar, com os pais e familiares. O contato com o livro e a leitura pode ser iniciado bem cedo, fazendo-se atividades adequadas à cada faixa-etária. É essencial que os diretores e professores comecem a conscientizar-se da importância da leitura na vida de uma criança, e de como ele fará diferença em seus estudos. Porque se eles se conscientizarem disso, o resto será consequência. É vital que se realizem palestras para os pais nas escolas falando da importância da leitura e dos estudos na formação educativa dos filhos, pois a maioria deles não está atenta a isso. Serão atitudes simples dos pais que farão dos filhos futuros leitores, como comprar livros, ler histórias, visitar bibliotecas e livrarias, confeccionar um livro com o filho, entre outras.

A escola e professores aperfeiçoam o hábito de leitura nos alunos. Pois será ali também que eles serão ensinados a ler. Portanto, os professores devem ser conscientes da importância da atividade que desempenham. Serão atitudes como

sugestão de leituras, visitas à biblioteca da própria escola e outras bibliotecas, visitas a livrarias, contação de histórias, distribuição de figuras aos alunos e estímulo para que criem um história à partir da figura, entre outras.

E preciso que haja uma conscientização da importância da leitura e da biblioteca para os alunos, por parte dos diretores e professores. Seria de grande valor se eles realizassem palestras como todos os pais falando sobre a importância e relevância da mesma. Isso faria um enorme diferença no ambiente escolar.

Em relação à biblioteca escolar é primordial também nesse tripé de instituições formadoras e consolidadoras do hábito de leitura, pois será por meio dela que o aluno aprenderá a cultivar o gosto pela leitura e pelo saber, e os pais precisam estar conscientes da importância dessa instituição na formação educacional dos seus filhos.

Cabe considerar também que a leitura e a educação são os melhores meios de combate para a formação de crianças com possíveis desvios de caráter na idade adulta. E que somente ela pode criar bons costumes.

Para os pais, professores, diretores, bibliotecários, autoridades e a sociedade em geral, faz-se necessário uma urgente conscientização da importância da leitura na vidas das crianças, para que façam mais para desenvolver a motivação e o interesse da leitura para criar hábitos permanentes:

Propiciando o ensino efetivo da leitura (proporcionando o tempo necessário na escola e outorgando à leitura uma posição central no currículo);

Tornando um material de leitura adequado e convidativo acessível a todos os grupos de idade;

Desenvolvendo os serviços de biblioteca para todos os tipos, necessidades e interesses de leitura;

Apoiando a propaganda de livros, leitura, e bibliotecas (BAMBERGUER, 1987, p. 99)

Conclui-se esta monografia com algumas citações sobre livro, leitura, educação e bibliotecas:

"A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo". (Nelson Mandela)

"Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda". (Paulo Freire)

“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história”. (Bill Gates)

“A leitura é para o intelecto o que o exercício é para o corpo”. (Joseph Addison)

“Aquele que abre uma porta de escola, fecha uma prisão”. (Victor Hugo)

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação – referências** - elaboração. NBR 6023. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **Trabalhos acadêmicos - apresentação**: NBR 14724. Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Informação e documentação – resumo – apresentação**. NBR6028. Rio de Janeiro, 2003

_____. **Numeração progressiva das seções de um documento**. NBR 6024. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Sumário - apresentação**. NBR 6027. Rio de Janeiro, 2003.
Acesso em: 08 ago. 2010

ALONSO, Claudia Maria Rodrigues. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Portal Associação de leitura no Brasil. Disponível em:<<http://www.alb.com.br/anais15/Sem02/claudiamaria.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

AMORIM, Galeno. **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008, 232 p.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1987, 109 p.

BATISTA, Pollyana da Silva. **Biblioteca escolar no Brasil: um estudo sobre vários aspectos**. 2009. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia). Disponível em:<http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/643/1/2009_PollyanadaSilvaBatista.pdf>. Acesso em: 12 maio 2010.

BOESCHENSTEIN, Eric. **A importância da biblioteca escolar no contexto educacional do Centro de Atendimento Juvenil Especializado – CAJE**. 2008, 89 p. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia. Bacharel em Biblioteconomia, UnB, Brasília, 2008.

BONALUMI, Mayra Cervigni. **A importância da interação biblioteca/sala de aula em cinco bibliotecas escolares do Distrito Federal**. 2009, 28 p. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia. Bacharel em Biblioteconomia, UnB, Brasília, 2009.

BORGES, Maria Alice Guimarães. A compreensão da sociedade da informação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 25-32, set./dez. 2000.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição Federal do Brasil**. São Paulo: Escala, 2010, 202 p.

BRASIL. Decreto nº 84.631, de 9 de abril de 1980. Institui a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca e o Dia do Bibliotecário. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2007/10/decreto-84631.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2010.

BRASIL. Lei 10.172 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, DF, 9 jan. 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 29 jun. 2010.

BRASIL. Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a política nacional do livro. Brasília, DF, 30 out. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.753.htm>. Acesso em: 29 jun. 2010.

BRASIL. Lei 8.313, de 23 de dezembro de 1991. Restabelece princípios da lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Cultura - PRONAC. Brasília, DF, 23 dez. 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8313cons.htm>. Acesso em: 02 jun 2010.

BRASIL. Lei 9.394 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 jun. 2010.
BRASIL. Plano nacional do livro e da leitura. Apresenta o plano nacional do livro e da leitura. Disponível em: <<http://www.pnll.gov.br/>>. Acesso em 28 jun. 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura e da literatura infantil. **Enc. Bibl. Rev. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 15, 2003. Disponível em:<<http://revista.acbssc.org.br/index.php/racb/article/view/431/550>>. Acesso em: 16 mar. 2010.

CARVALHO, Lafaiete da Silva, *et. al.* A leitura na sociedade do conhecimento. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.11, n. 1, p. 19-27, jan./jul. 2006. Disponível em:<<http://revista.acbssc.org.br/index.php/racb/article/view/459/576>>. Acesso em: 4 mar. 2010.

CASTRO, Claudio de Moura. **O judeu de Bethesda**, Revista Veja. Disponível em:<<http://www.cultura.gov.br/site/2010/06/18/o-judeu-de-bethesda-artigo/>>. Acesso em 11 ago. 2010.

CLARO, Adriana Thomazotti. **Anais**. Políticas públicas e leitura no Brasil: uma história e muitos sentidos para a literatura infantil. Centro Universitário Nove de Julho. Disponível em:<http://www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss16_02.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2010.

COPEES, Regina Janiaki; SAVELI, Esméria de Lourdes. **Leitura no Brasil: programas, projetos e campanhas**. Portal Leitura crítica de Ezequiel Theodoro da Silva. Disponível em:<<http://www.leituracritica.com.br/rev10/julga/julga02.htm>>. Acesso em 08 jun. 2010.

COPEES, Regina Janiaki; SAVELI, Esméria de Lourdes. **Programas, projetos e campanhas de incentivo à leitura: uma visão história**. Portal Associação de leitura no Brasil. Disponível em:<http://www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss11_07.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2010.

FURTADO, Cássia. A biblioteca escolar brasileira no sistema educacional da sociedade da informação. In: SEMINÁRIO DE BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 3, 2004, Belo Horizonte. Disponível em:<<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/317.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2010.

ESCOLAR SOBRINO, Hipólito. **A história do livro em cinco mil palavras**. São Paulo: Quíron, 1977, 45 p.

FERNANDEZ, Stella Maris. Promocion de La lectura: papel que Le corresponde em ello a La família, a La escuela, a lãs bibliotecas escolares y publicas. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 1994, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte:ABMG, 1994, p. 625-642.

FERRARI, Márcio. **Paulo Freire: o mentor da educação para a consciência.** Portal Brasil Escola. Disponível em:<<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/mentor-educacao-consciencia-423220.shtml>>. Acesso em: 11 ago. 2010.

FERREIRA, Cristina de Melo Cardoso; MACEDO, Ilana Lara Bonfim Macedo. **Avaliação do uso da biblioteca do colégio militar Dom Pedro II junto aos professores e alunos do 6 ao 9 ano do ensino fundamental.** 2008. 79 p. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia. Bacharel em Biblioteconomia, UnB, Brasília, 2008.

FERREIRA, Lídia Chaves. **Planejamento de bibliotecas escolares: proposta de revitalização da Biblioteca Escolar Lígia Martins.** 2008. 55 p. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia). Bacharel em Biblioteconomia, UnB, Brasília, 2009.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n.1, 2002. Disponível em:<<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/380/461>>. Acesso em: 27 jul. 2010.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 47 ed. São Paulo: Cortez, 2006, 87 p.

GARCEZ, Eliane Fioravante. **O bibliotecário nas escolas: uma necessidade.** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.12, n.1, p.27-41, jan./jun., 2007. Disponível em:<<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/492/634>>. Acesso em 14 mar. 2010.

HALEWELL, Laurence. **O livro no Brasil e sua história.** São Paulo: Ed. Universidade São Paulo, 1985.

HATOUM, M. O leitor, cúmplice secreto. **EntreLivros.** São Paulo, v.1, n.8, p.26-27, dez. 2005.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIM, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar e leitura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 8/9, p. 35, 2003/2004. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/404/508>>. Acesso em: 14 mar. 2010.(a).

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIM, Gleisy Regina Bories. Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino-aprendizagem. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.4, n. 4, 1999. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/340/403>>. Acesso em: 17 mar. 2010. (b).

UNESCO. **Manifesto sobre bibliotecas escolares (1999)**. Disponível em: <<http://www.ifla.org/index.htm>>. Acesso em: 10 maio 2010.

KIESER, Herta; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar: espaço de interação entre bibliotecário-professor-aluno-informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. 2000. Rio Grande do Sul, RS. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000743/01/T083.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999, 374 p.

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores: política cultural/política para o livro**. São Paulo: Summus, 2004, 222 p.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, 93 p.
MENDONÇA, Fernando de. A estrada da vida: a leitura e a biblioteca escolar no ensino. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 379-389, jul./dez., 2008. Disponível: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/573/692>>. Acesso em: 27 jul. 2010.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Atelie, 2002, 114 p.(b).

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983, 107 p. (a).

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil Colonial**. 9 ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006, 259 p.

MORAIS, José. **A arte de ler**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, [198-].

OLIVEIRA, Maria Cleia Filogonio. A função da biblioteca escolar. **Cadernos CED**, Florianópolis, v.4, n. 10, p. 81-86, jul./dez. 1987.

PACHECO, Raquel. Incentivo ao uso da biblioteca nas séries iniciais: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.2, p. 303-310, jul./dez., 2007. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/502/648>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento Cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990, 111 p.

PINTO, Patrícia de Almeida; BRAGA, Priscila Angélica. **Bibliotecas escolares e a realidade nos Centros de Ensino Médio do Governo do Distrito Federal**. 2009. 127 p. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia. Bacharel em Biblioteconomia, UnB, Brasília, 2009.

POWER, Gabriela Fonseca; VASCONCELOS, Liana Barquette. **Projeto conte esta história - mala do livro: ponto de partida para a cultura**. 2009. 83 p. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia. Bacharel em Biblioteconomia, UnB, Brasília, 2009.

QUINHOES, Maura Esandora Tavares. Biblioteca escolar: sua importância e seu espaço do sistema educacional do Rio de Janeiro. In: JORNADA NORTE/NORDESTE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO 2., SEMINÁRIO NORTE/NORDESTE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1. 1998, Recife, PE. Disponível :<<http://www.seict.facepe.pe.gov.br/jornado>>. Acesso em: 02 jun. 2010.

ROCHA, Marisa Perrone Campos. A questão cidadania na sociedade da informação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, p. 40-45, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a4.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2010.

ROSA, Flavia Goulart Mota; ODDONE, Nanci E. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Revista Ciência da Informação, Brasília**, v. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006. **Disponível** em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/814>>. Acesso em: 12 maio 2010.

SALES, Fernanda de. O ambiente escolar e a atuação bibliotecária: **o olhar da Educação e o olhar da Biblioteconomia**. **Enc. Bibl: Rev. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 18, 2º sem. p. 40-57, 2004. (b).

SANDRONI, Laura Constância; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**. São Paulo: Ática, 1991, 143 p. 3 edição.

SCORTECCI, João; PERFETTI, Maria Esther Mendes. **Informações importantes para quem quer escrever e publicar um livro: guia do profissional do livro**. São Paulo: Scortecci, 2006.

SANTOS, Adriana Regina de Jesus. **História da Educação**. Londrina: Unopar, 2006. 131 p. Módulo 1.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1995, 115 p.

SOUZA, Leila. A importância da leitura para a formação de uma sociedade consciente. Bahia. In: Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Informação, 7. Bahia, 2007. Disponível em: <<http://www.cinform.ufba.br/7cinform/soac/papers/f42e0a81e967e9a4c538a2d0b653.pdf>>. Acesso em 4 mar. 2010.

STUMP, Ida Regina Chitto. Funções da biblioteca escolar. Cadernos do CED, Florianópolis, v.4, n. 10, p. 67-80, jul./dez., 1987.

ZILBERMAN, Regina. **Ensaio**. A leitura no Brasil: sua história e suas instituições. Universidade de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/regina.html>>. Acesso em: 12 maio 2010.

10 APÊNDICES

Questionário ao Professor da turma

Idade _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Formação: _____

1. Você gosta de ler?

() Sim () Não () Mais ou menos

2. Você tem o hábito de ler?

() Sim () Não () Mais ou menos

3. O que você costuma ler?

() Livros de literatura por prazer () Livros didáticos para preparar aula

() Livros para ajudar no desenvolvimento do meu trabalho

() Jornais, revistas, e/ ou sites para me manter informado ou entretenimento

() Outro: _____

4. Você participa do planejamento de atividades da biblioteca/ sala de leitura?

() Sim () Não

5. Em relação ao seu trabalho como professor, você considera a biblioteca/ sala de leitura:

() Muito importante () Importante () Pouco importante () Irrelevante

6. Em relação às atividades desenvolvidas com os alunos, a biblioteca/ sala de leitura é:

() Bem equipada () Deficiente

7. Como considera o ambiente da biblioteca/sala de leitura?

() Adequado à leitura () Adequado às atividades extra-classe () Inadequado à leitura () Inadequado às atividades extra-classe

() Bem iluminado () Mal iluminado () Bem ventilado () Mal ventilado

8. Tendo em vista que os maiores influenciadores na formação do hábito de leitura nas crianças são: a escola, a família e a biblioteca, como você considera dentro do seu atual contexto a atuação dessas três instituições?

Escola	Família	Biblioteca
() Excelente	() Excelente	() Excelente
() Bom	() Bom	() Bom
() Suficiente	() Suficiente	() Suficiente
() Insuficiente	() Insuficiente	() Insuficiente
() Ruim	() Ruim	() Ruim

9. Em relação à sua contribuição na formação do hábito de leitura, como você a considera?

() Excelente () Bom () Suficiente () Insuficiente () Ruim

10. Você considera que a presença de um Bibliotecário dentro dessa escola faria diferença? Justifique

Questionário ao responsável pela biblioteca

Idade _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Função:

Formação:

1. Você gosta de ler?

() Sim () Não () Mais ou menos

2. O motivo pelo qual você trabalha na sala de leitura é:

() Sou servidor readaptado por problema de saúde

() Sou servidor readaptado

() Sou servidor concursado para atuar na sala de leitura

3. Você tem o hábito de ler?

() Sim () Não () Mais ou menos

4. O que você costuma ler?

() Livros de literatura por prazer () Livros didáticos para preparar aula

() Livros para ajudar no desenvolvimento do meu trabalho

() Livros infantis para ajudar no desenvolvimento do trabalho

() Livros para ajudar no desenvolvimento do trabalho

() Jornais, revistas, sites para me manter informado ou entretenimento

() Outro: _____

5. Você gosta de trabalhar na biblioteca/sala de leitura?

() Sim () Não () Mais ou menos

6. Alguém te auxilia no trabalho?

() Sim () Não () Às vezes

Em caso afirmativo, especifique o cargo e a formação.

7. É realizado um planejamento de atividades para a sala de leitura?

() Sim () Não () Às vezes

8. A biblioteca é bem freqüentada pelos alunos?

() Sim () Não () Mais ou menos

9. Quantos livros a sala de leitura possui. Especifique o tipo de livro.

10. Quais os componentes do acervo?

() Livros () Mapas () Revista em quadrinhos

() Livros didáticos () CD ROOM () DVD

() Filmes () TV () Data-show () Retro-projetor

() Computadores () Enciclopédias () Dicionários

11. Há incentivo à leitura?

() Sim () Não () Mais ou menos

12. Existe cooperação entre você e os professores em relação ao planejamento de atividades?

() Sim () Não () Mais ou menos

13. Quais são as atividades realizadas pela biblioteca/sala de leitura?

14. Tendo em vista que a principal função de uma Biblioteca Escolar/ Sala de leitura é dar suporte ao processo ensino aprendizagem, e incentivar à leitura, você considera que a sala de leitura tem cumprido sua função?

() Sim () Não () Mais ou menos

15. Você percebe interesse nos alunos em relação à biblioteca sala de leitura, aos livros, e à leitura?

() Sim () Não () Mais ou menos

16. Você acha que a presença de um Bibliotecário dentro dessa Escola faria diferença? Por quê?

11 ANEXOS



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO DO GAMA
NÚCLEO DE MONITORAMENTO PEDAGÓGICO



DECLARAÇÃO

Declaro que o(a) aluno(a) Tanessa de Sousa Silva,
estudante do(a) UNB concluiu as atividades
de pesquisa (Pesquisa, Observação, Estágio), nesta Instituição
educacional, com carga horária de 04 horas no período de 13 / 04 / 2010
a 14 / 04 / 2010.

Gama, 16 / 04 / 2010

Instituição Educacional

Claudia de Oliveira M. Rodrigues
Mat. 23.853-8 DODFº 43/2009
Escola Classe 28 do Gama
Vice Diretor



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO DO GAMA
NÚCLEO DE MONITORAMENTO PEDAGÓGICO



DECLARAÇÃO

Declaro que o(a) aluno(a) Vanúzia de Souza Silva,
estudante do(a) Universidade de Brasília concluiu as atividades
de pesquisa (Pesquisa, Observação, Estágio), nesta Instituição
educacional, com carga horária de 3 horas no período de 09 / 04 / 10
a 27 / 04 / 10.

Gama, 27 / 04 / 2010.

Marcos Albert Jacinto de Deus
Mat. 24.353-1 DODF 01/2010
Escola Classe 12 do Gama
DIRETOR

Instituição Educacional



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO DO GAMA
NÚCLEO DE MONITORAMENTO PEDAGÓGICO



DECLARAÇÃO

Declaro que o(a) aluno(a) Vanessa de Sousa Silva,
estudante do(a) Universidade de Brasília concluiu as atividades
de pesquisa (Pesquisa, Observação, Estágio), nesta Instituição
educacional, com carga horária de 03 horas no período de 26/04/2010
a 29/04/2010.

Gama, 29/04/2010

M^{te} Lucineide S. de Oliveira

Instituição Educacional

Maria Lucineide S. de Oliveira
Mat. 25.874-1 DODF 04/2008
Escola Classe 06 do Gama
Vice - Diretora




GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO DO GAMA
NÚCLEO DE MONITORAMENTO PEDAGÓGICO



DECLARAÇÃO

Declaro que o(a) aluno(a) Vanessa de Sousa Silva,
estudante do(a) Universidade de Brasília concluiu as atividades
de pesquisa (Pesquisa, Observação, Estágio), nesta Instituição
educacional, com carga horária de 3 horas no período de 28/04/10
a 05/05/10.

Gama, 05/05/10.


Silvana Claudia Vitor
Mat. 36.572-6 - DODF 01 de 04/01/2010
Escola Casa 07 do Gama-DF
VICE-DIRETORA

Instituição Educacional





GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO DO GAMA
NÚCLEO DE MONITORAMENTO PEDAGÓGICO



DECLARAÇÃO

Declaro que o(a) aluno(a) Vanísa de Sousa Silva,
estudante do(a) Universidade de Brasília concluiu as
atividades de pesquisa (Pesquisa, Observação, Estágio),
nesta Instituição educacional, com carga horária de 3 horas no período de
28/04/10 a 04/05/10.

Gama, 04/05/10.

Arnelde Teles Brito
Escola Classe 01 do Gama
DODF 13 de 18/01/06 Pág 26
Mat. 48.313-3 Diretora

Instituição Educacional